

urbos

Temas urbanos • Uma publicação da Associação Viva o Centro • ano XII • nº 46 • abr. mai. jun. 2008 • R\$ 6

Metrópole cultural

ISSN 1414832 - 3



9 771414 832006 00046



**Nem o mais
caro, nem
o mais barato,
o melhor
para você.**

Itaú. A melhor relação custo-benefício para você.



Confira:
www.itaubank.com.br/custobeneficio

As tarifas do Itaú não são as mais baratas, nem as mais caras do mercado. Pode comparar. Quando você compara o custo e todos os benefícios que o Itaú entrega, você vê que por um preço na média do mercado você ganha um banco bem acima da média, que por dez anos consecutivos é eleito o melhor banco do país. Afinal, o Itaú sabe que é fazendo você ganhar que ele ganha você.

URBS é uma publicação trimestral da Associação Viva o Centro.

Editor: Jorge da Cunha Lima. **Produção e**

edição: LDC Editora e Comunicação Ltda.

Av. Ibjajuá, 331 – 10º andar. Tel: 11 5055.0400.

Diretor: Domingos Crescente. **Edição de texto e reportagem:** Marina de Castro Alves.

Jornalista responsável: Marina de Castro

Alves (MTb 49.125). **Projeto gráfico:** Kátia

Oliveira. **Arte:** Kátia Oliveira. **Foto da capa:**

Emídio Luisi. **Colaboradores:** Emídio Luisi,

Lisbeth Rebollo Gonçalves, João Carlos

Andreazza, Martin Cezar Feijó.

Foto ao lado: Silvia Machado

Impressão: Ricargraf. **Tiragem:** 12.000

exemplares. **Redação, administração,**

circulação e assinatura: Rua Líbero

Badaró, 425 – 4º andar. CEP 01009-000

– São Paulo – SP, Fone: (11) 3556-8959.

Redação: redacao.urbs@vivaocentro.org.br.

Assinaturas: www.vivaocentro.org.br/

assinaturas.

O conteúdo desta publicação não representa

o posicionamento da Associação Viva o

Centro. Os artigos publicados expressam

tão somente a opinião de seus autores.



Viva o Centro
São Paulo

Patrocinadores desta edição:



Companhia Brasileira de Alumínio
Votorantim

sumário

7 Editorial

Pólo Cultural: uma nova imagem para São Paulo

8 Ensaio

São Paulo: desvairada ou delirante?

16 Reportagem

Intervenções públicas no centro de São Paulo

22 On-line

Marcelo Tas recomenda

25 Entrevista

Pedro Herz

30 Roteiro

São Paulo cultural mapeada

36 Grande Angular

Por Emídio Luisi

44 Memória

A história do Grupo Santa Helena

52 Reportagem

Balé da Cidade comemora 40 anos

58 Livros

60 Resenha

Dez Roteiros Históricos a Pé em São Paulo

61 Cartas



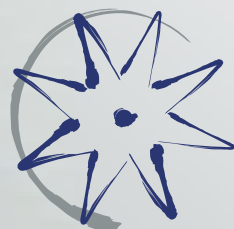
Participar de uma Ação Local valoriza sua rua.

A Associação Viva o Centro criou uma poderosa ferramenta para você melhorar a qualidade de vida e o seu trabalho no Centro de São Paulo:
as Ações Locais!

Elas são o melhor caminho para solucionar os problemas da sua rua e desenvolver as principais potencialidades da região.

Participar valoriza sua vida no Centro!

Participar é simples, gratuito e voluntário!
Inscreva-se pelo site www.vivaocentro.org.br
ou na Associação Viva o Centro



Viva o Centro
São Paulo

Rua Líbero Badaró, 425 – 4º andar – Centro
Para mais informações ligue para 3556-8999

Pólo Cultural: uma nova imagem para São Paulo

Durante muito tempo, a imagem de São Paulo para brasileiros de outras regiões do país e até para nossos vizinhos latino-americanos foi a de uma cidade cujo atrativo básico estava na sua pujança econômica, nas oportunidades de negócios e empregos. Hoje, essa imagem está mudando. A cidade firma-se também como um dos maiores pólos culturais do mundo, com cerca de 300 estréias teatrais por ano e a média de uma nova exposição de artes plásticas por dia.

Em conseqüência, cresce o número de pessoas que saem de suas cidades para vir a São Paulo desfrutar dessa formidável oferta de eventos culturais. Espetáculos de música, teatro e dança, bienais internacionais de Arte e de Arquitetura, o Festival Internacional de Cinema, museus e mostras temporárias vão se tornando outro grande atrativo da cidade.

São Paulo conta hoje, segundo a SPTuris, órgão oficial da Prefeitura de São Paulo para assuntos de turismo, com 88 museus, 257 salas de cinema, nove cineclubes e salas especiais, 75 bibliotecas, 39 centros culturais e 120 teatros. Em cena, as opções são de qualidade comparável à de outros grandes centros, como Nova York. Nos últimos anos, São Paulo viu mostras memoráveis, como as de Rodin, na Pinacoteca; Rembrandt, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB); Ruggendas, no Memorial da América Latina; e China, no Museu de Arte Brasileira da FAAP.

A Osesp trouxe músicos como Kurt Masur, Krzysztof Penderecki, Bárbara Hendricks e Pepe Romero. Da música popular vieram Bob Dylan e Charles Aznavour, Herbie Hancock e Ahmad Jamal. Tivemos importantes musicais, como O Fantasma da Ópera, Miss Saigon e West Side Story. E, também, o Cirque du Soleil, o Hubbard Street Dance Chicago e o balé Bolshoi. Este ano, em sua 4ª edição consecutiva, a Virada Cultural atraiu perto de 4 milhões de pessoas pela qualidade e quantidade (800) das apresentações, a maioria por brasileiros.

Essa efervescência é responsável, segundo a SPTuris, por 27,9% das visitas à cidade, só perdendo para o turismo de negócios, que traz a São Paulo 42,7% dos seus visitantes. O crescimento do turismo de entretenimento e cultura junta-se, portanto, à pujança econômica e a fortalece. No ranking da revista American Economist, São Paulo foi reeleita a melhor cidade da América Latina para negócios, à frente de Miami, cidade considerada latina nesse ranking. Pesaram para isso o desempenho da Bovespa, que fechou 2007 com 126% de crescimento, e a significativa produção intelectual paulistana.

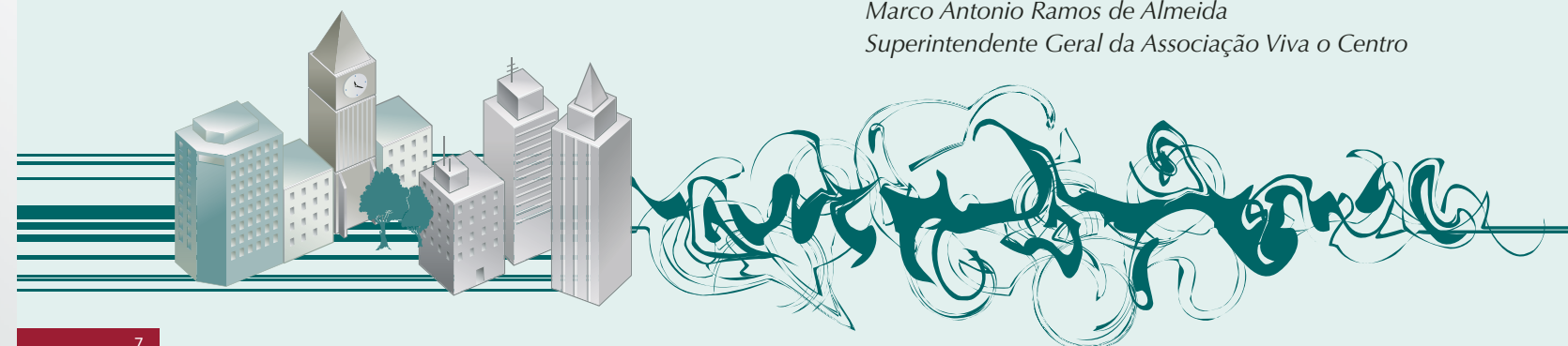
Há, ainda, um enorme potencial que só poderá ser totalmente explorado se a cidade souber melhorar o transporte coletivo, preservar monumentos e investir em segurança, ao mesmo tempo em que desenvolva ações para divulgar todos os seus atrativos, entre eles seu patrimônio histórico e arquitetônico.

Desde sua fundação, a Viva o Centro trabalha para que o patrimônio cultural do Centro possa ser devidamente valorizado e explorado, em benefício de toda a cidade. Nesses anos, a Associação participou do projeto que transformou a antiga Estação Júlio Prestes em um complexo cultural de nível internacional e na implantação do CCBB e do Museu da Língua Portuguesa.

Além disso, a Viva o Centro vem articulando com Prefeitura, Governo do Estado e Iniciativa Privada transformar o Centro Histórico de São Paulo numa área de excelência, por meio de um Programa de Qualidade Total. E com a SPTuris, o desenvolvimento de um plano de turismo para o Centro.

Esta edição de Urbs é mais uma amostra da nossa preocupação não apenas com a preservação dos nossos monumentos históricos e nossas atividades culturais, mas também com a criação de condições para que eles sejam mais bem conhecidos e explorados em benefício de todos os paulistanos.

Marco Antonio Ramos de Almeida
Superintendente Geral da Associação Viva o Centro





São Paulo: desvairada ou delirante?

Por Martin Cezar Feijó (*)

O arquiteto holandês Rem Koolhaas definiu Nova York como uma cidade delirante. O poeta paulistano Mário de Andrade definiu a cidade de São Paulo como desvairada. Delirante seria comparar São Paulo com Nova York, desvairado seria não observar uma lógica na construção de uma também metrópole cultural como São Paulo; uma cidade contra os ventos que nasceu fadada ao fracasso e ao isolamento, mas que a ação humana construiu como uma das maiores do mundo, em população e problemas, mas cuja identidade assim se esconde através de guetos e quebradas, embora se permita contar sua história cultural sob vários ângulos e enfoques.

Nós, paulistanos, nos acostumamos odiar São Paulo com profundo amor. Pretensos descendentes de bandeirantes predadores, relapsos e violentamente cordiais, quando na verdade oriundos de várias origens nacionais e internacionais, que se adaptaram ao terreno, ao clima e principalmente a uma tensão típica. Temos orgulho de uma cidade que nasceu de uma escola, mas estamos longe de alcançar índices de excelência no ensino, inclusive para os padrões nacionais. Temos um passado provinciano, até caipira (sem nenhum caráter pejorativo nesta afirmação), e, no entanto, a primeira e mais importante escola de direito do País. Com várias reformas urbanas no século XX, quase sempre a favor do automóvel, hoje a cidade se debate para tirar o automóvel das ruas.

Acervo Instituto Moreira Salles

Vista da Avenida São João em 1937 por Claude Lévi-Strauss: as pessoas aguardam, provavelmente, a passagem de um desfile. Um dos momentos registrados pelo antropólogo em seu livro: "Saudades de São Paulo".

Uma vocação metropolitana

A vocação metropolitana da cidade de São Paulo ocorreu sem mistério no século XX, fruto de um processo de industrialização, que atraiu migrantes e imigrantes de várias partes, garantindo um multiculturalismo *avant la lettre* e um cosmopolitismo futurista em tensão constante com um provincianismo nostálgico da antiga província.

Daí o ódio, mas também o amor envergonhado. Um ódio apaixonado, um amor odiado. Cordial, em suma – como bem apontou o historiador Sérgio Buarque de Holanda – como parte do País, julgando-se, para o bem e para o mal, como à parte deste. Até revolução para se separar tentou fazer e depois da derrota alegou que pretendia outra coisa.

Na verdade, seu lema é o arrogante *non ducor duco*, que a maioria considera apenas uma expressão para definir os motoristas de ônibus, pelo local mais visto: não sou conduzido, conduzo.

Uma cidade contra os ventos, como a definiu um de seus historiadores mais célebres, e que no ano passado se comemorou cem anos de seu nascimento, Caio Prado Jr.

Mas como esta metrópole cultural se formou? Que ventos trouxeram uma modernidade que parecia no século XIX, pelo menos a se acreditar no registro dos viajantes, tão distante. Por que o olhar viajante do século XIX – estrangeiro e até nacional, a se levar em conta o que dela disse o então estudante baiano Castro Alves ao freqüentar as arcadas do

Largo São Francisco – não antecipou o olhar, inclusive com lentes fotográficas, de um Claude Lévi-Strauss?

Os marxistas dirão, Caio Prado Jr. entre eles, que a base econômica do café garantiu uma industrialização, que permitiu o desenvolvimento da cidade e sua posterior presença cultural. Já os culturalistas (que me perdoem se ofendo alguém, é que não encontrei termo melhor para definir, diria até nos definir, mesmo a contragosto), principalmente os jovens historiadores formados pela USP nos anos 70-80 do século passado irão buscar outras fontes e outras abordagens para o estudo da história moderna da cidade de São Paulo. Novas abordagens, novos objetos, mais antropológicos, até míticos, como um Orfeu extático na metrópole, no brilhante trabalho

de Nicolau Sevcenko, verdadeiro herdeiro dos historiadores citados. Mas todos sabemos que um enfoque não existiria sem o outro, que se o materialismo dialético substituiu uma historiografia aristocrática e apologética, a nova história complementa o que antes fora feito fora dos muros acadêmicos.

Uma história cultural sendo construída

Neste sentido, uma história cultural da cidade vem sendo construída, o que permite uma reflexão, mesmo num modesto artigo com pretensão de ensaio, mais para crônica, como este aqui. Um processo rico e complexo, que só uma perspectiva interdisciplinar poderia dar conta de uma

Um século de cultura: fatos que marcaram a cidade



Teatro Municipal

Victor Brecheret apresenta sua maquete para o Monumento às Bandeiras

Orquestra Sinfônica Municipal

Fundação da primeira rádio paulistana: a Rádio Educadora Paulista (Rádio Gazeta)

Paulistanos ouvem pela primeira vez uma transmissão do Rio de Janeiro, um concerto

Cine-Teatro Paramount (primeiro cinema sonoro da América Latina)

Oswald de Andrade escreve o Rei da Vela

Universidade de São Paulo e Museu de Geociências

Coral Paulistano

Coral Lírico

Escultura Depois do Banho, de Victor Brecheret (Largo do Arouche) e Cinemateca Brasileira

1908

1911

1913

1917

1920

1921

1922

1924

1925

1926

1927

1928

1929

1931

1933

1934

1935

1936

1937

1939

1940

1941

Fundação da Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap)

Lasar Segall realiza a primeira exposição de pintura não acadêmica no Brasil

Teatro São Pedro e segunda exposição de Anita Malfatti, exibindo quadros expressionistas, criticados com dureza por Monteiro Lobato

Semana de Arte Moderna



Biblioteca Mario de Andrade (antiga Biblioteca Municipal de São Paulo)

Antônio de Alcântara Machado publica Brás, Bixiga e Barra Funda

É publicado Macunaíma, de Mario de Andrade



É fundada a PRB 9 – Rádio Record de São Paulo

Projeto de criação da Secretaria Municipal de Cultura

O Grupo Santa Helena expõe suas obras pela primeira vez na exposição "Família Artística Paulista"

Surge o noticiário mais importante do rádio brasileiro: o Repórter Esso

1908-1941

abordagem, que nem nova se pretende, mas que pode ser um ponto de partida para uma pesquisa coletiva sobre a cidade de São Paulo.

Quando o poeta baiano Castro Alves veio estudar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em fins do século XIX, ficou impressionado com a decadência física que encontrou em uma cidade tão nova. O mesmo percebeu o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, já por volta dos anos 30 do século XX, quando aqui veio para lecionar na recém inaugurada universidade, a primeira do País. Mas entre Castro Alves e Lévi-Strauss, entre a província do Império e a metrópole em gestação, houve um acontecimento cultural decisivo, um evento emblemático, por mais que hoje legitimamente se questione sua dimensão, conhecido pelo nome de Semana de Arte Moderna de 1922.

A Semana foi um evento publicitário para chamar atenção sobre novos artistas sem espaço ou efetivamente um gesto nobre e generoso de jovens revolucionários que queriam mudar tudo? Os dois.

Mário de Andrade, em carta, disse que todos haviam caído como “araras” para o efeito do escândalo do uso do Teatro Municipal para estripulias de poetas. Mas o escândalo era parte do espetáculo modernista, não contradizia a que vinha e a que se dispunha. A novidade é que a cidade passava a ser protagonista da cultura. E foi o que ocorreu a seguir.

Com a agitação política, a revolução no final da década e início da próxima, a intelectualidade de 1922 se dividiu em 1932, basicamente entre “paulistanos” e “comunistas”,

enquanto o País se transformava com as bases para a industrialização. O resultado político da revolução de 1930 foi o golpe de Estado de 1937 que impôs um regime autoritário que colocou o estado e a cidade de São Paulo sob intervenção, a começar por seu mais importante jornal no momento, o jornal O Estado de S. Paulo. Enquanto isto, as bases para a reforma urbana estavam dadas. A cidade fisicamente se modernizava depois da modernização intelectual, mas ainda engatinhava no plano cultural mais amplo.

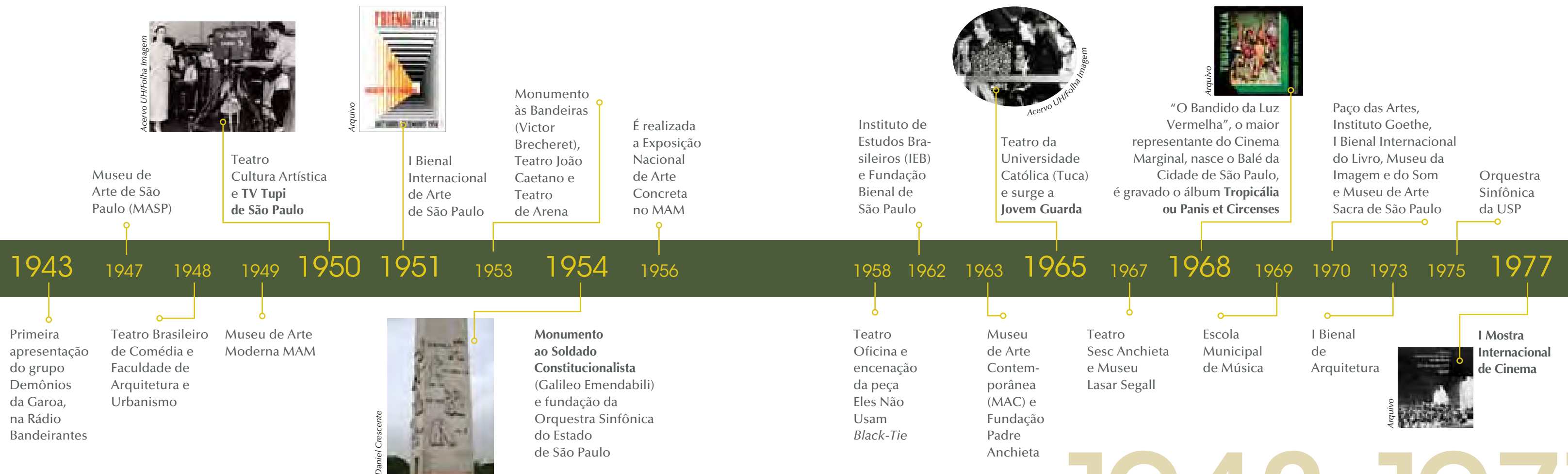
Só depois da II Guerra Mundial, período chamado pelo historiador Eric J. Hobsbawm de “era dourada”, que a cidade deslanchou no quadro das comemorações do IV Centenário em 1954. Assim como 1922 refletia o centenário da independência do País, 1954 marcava uma metrópole equipada

em todos os níveis, dos urbanísticos aos científicos, para a condição de cidade contemporânea.

Uma novidade tecnológica com marca romântica

Em 1950, é fundado o primeiro canal de televisão do Brasil, uma novidade tecnológica com marca romântica no próprio nome: TV Tupi. Uma exaltação ao índio num suporte tecnologicamente avançado, embora a princípio para poucos.

Como a televisão, a indústria gráfica também se firmava e as bancas de jornal se tornavam verdadeiras livrarias, inicialmente com suas revistas ilustradas, além dos jornais, é claro, e posteriormente com seus fascículos, obras de arte, de pensadores e publicações cada vez mais diversificadas e especializadas. Aspecto em que a editora Abril cumpriu um importante papel cultural, além do industrial.



1943-1977

Foi também na cidade de São Paulo que ocorreram, com a televisão como canal difusor (Rede Record e a Rede Globo) tanto a Jovem Guarda quanto o Tropicalismo, no final dos anos 1960. No primeiro caso, eram cantores vindos do Rio de Janeiro, principalmente Erasmo Carlos (o Tremendão) e Wanderléia (a Ternurinha), embora seu líder maior fosse capixaba, o “Rei” Roberto Carlos (que hoje lamentavelmente não gosta que contem sua história, por mais bem pesquisada que seja). E no segundo, nordestinos, principalmente da Bahia, que se juntavam inicialmente à experiência teatral decisiva na revelação de jovens dramaturgos que era o Teatro de Arena.

Na mesma ocasião, outro grupo teatral revolucionava a cena e recuperava um autor modernista: a montagem de O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, sob direção de José Celso Martinez Correia, com Renato Borghi e Fernando

Peixoto nos papéis dos Abelardos, ampliava em novas bases o projeto modernista, agora mais compatível com a realidade física e cultural da cidade. Zé Celso havia começado a experiência teatral ainda como estudante no Largo de São Francisco, na Faculdade de Direito. Um ciclo se completava, a tradição e a modernidade se encontravam. A tensão entre o conservadorismo e a vanguarda continuava marcando a história cultural da cidade.

Sob a ditadura militar, a cidade também se agitou com estudantes nas ruas e protestos nos teatros, culminando em grandes manifestações ecumênicas na Catedral da Sé, então sob direção de um arcebispo humanista e corajoso, D. Paulo Evaristo Arns. Era também o período que outro grande jornal se consolidava depois de uma profunda reforma em sua redação, o jornal Folha de S. Paulo. De informação, portanto, a cidade não tem o que se queixar.

Nos anos posteriores aos fatos, com a queda da ditadura, a periferia mostra sua cara. A rebelião da chamada periferia pode ter sido uma resposta ao discurso demagógico dos políticos profissionais, mas já nos anos 70, grupos de jovens se organizavam em grupos de teatro, eram assistidos por atores profissionais – um até mais tarde esteve à frente da Secretaria Municipal da Cultura, Celso Frateschi – e se apresentavam em igrejas ou associações de bairros espalhados pela cidade. Escritores, músicos, poetas vieram depois e reforçaram buscas de identidades variadas: punks da periferia, hip hops das comunidades, bandas de rock, rappers e animadores culturais de organismos como o SESC, apenas confirmavam uma vocação cosmopolita da metrópole cultural em construção.

No início do século XXI é comum destacar-se os contrastes entre os templos de luxo ao lado de favelas; mas nem sempre são lembrados os centros de excelência em pesquisa, ensino

e extensão, os melhores do País, seja no âmbito das universidades públicas quanto nos projetos de algumas instituições privadas.

São Paulo no século XXI tem toda condição em reafirmar sua vocação cultural, basta maior seriedade no trato dos recursos públicos, projetos mais ousados na educação, e liberdade para a multiplicidade de criações culturais. Claro que sem deixar de lado políticas públicas, principalmente educacionais e culturais, que apontem para o futuro de uma metrópole construída contra os ventos; nem delirante, nem desvairada, apenas multicultural.

(*) *Martin Cezar Feijó é formado em História pela FFLCH-USP e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor de comunicação comparada na FACOM-FAAP e professor-pesquisador no programa de mestrado acadêmico da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor de vários livros, entre eles, O que é política cultural.*



1978-2008



Intervenções urbanas

Peças de teatro invadem o Centro de São Paulo levando cultura, diversão e reflexão à cidade

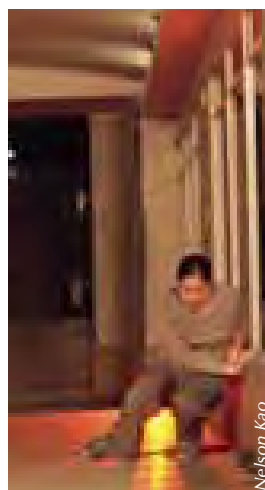
Segunda-feira, garoa fina e uma aglomeração debruça-se em uma das entradas da passagem subterrânea entre o Viaduto do Chá e a Praça Ramos de Azevedo. Lá de baixo ouvem-se trovões. Dos dois telões observa-se um movimento de vai-e-vem de pessoas. Dois homens atravessam a Xavier de Toledo vestindo apenas roupas íntimas. Outro corre com um rádio portátil. Um casal chega atrasado e tenta comprar ingressos (gratuitos e distribuídos com uma hora de antecedência), mas que já estão esgotados para a última sessão. “Sempre que se apresentam na cidade, chove. Nunca consigo assisti-los”, lamenta-se a senhora que oferece cem reais a dois rapazes em troca dos ingressos. Curiosos param para perguntar o que está acontecendo. Trata-se de mais uma intervenção urbana do grupo Teatro da Vertigem.



Daniel Crescente



Nelson Kao



Nelson Kao

À esquerda, atores posam para foto no espaço para a acomodação da platéia. Na encenação, atores convidam o público para participar

A apresentação tem início. O casal divide espaço com um morador de rua, a platéia é acomodada na lateral da passagem, em um vão espelhado que permite a visão do público. De lá se observa, através de câmeras de segurança, o movimento na rua. Os que não conseguiram ingressos acabam participando da intervenção e atravessam a passagem junto com os atores. É esta integração entre público, atores e a própria cidade que o teatro de rua busca.

Intitulada de “A Última Palavra é a Penúltima”, a intervenção é resultado da parceria do Teatro da Vertigem com outras duas companhias: a Zikzira (Belo Horizonte – MG / Londres – Inglaterra) e o grupo LOT (Lima – Peru). Interessadas na exploração do espaço público, as três companhias têm em suas trajetórias pesquisadas que relacionam o teatro com a dança, artes plásticas e cinema (Zikzira) e intervenções em espaços urbanos (Vertigem e LOT).

A intervenção foi criada a partir do texto filosófico do francês Gilles Deleuze – O Esgotado – (veja trecho ao lado), que discute o cansaço e o esgotamento. Aliando isso à perspectiva de investigação do universo interpretativo, o grupo se apropria da criação a partir da “experiência” do corpo do ator e do estudo sobre os conceitos da performance.

A escolha do local foi muito importante, como explica uma das diretoras da intervenção, Elaine Monteiro: “No centro, temos uma visão encurtada, que bate sempre nas paredes dos prédios e nos impede de ver o horizonte. Estamos sem-

pre andando rápido, cansamos muito, mas nunca estamos esgotados, continuamos correndo, que é um dos pontos discutidos no texto O Esgotado”, diz. “Por este motivo procurávamos um lugar de passagem, ou que tivesse sido no passado, onde houvesse grande movimento. Também foi uma forma de devolver, pelo menos por alguns momentos, a passagem à cidade”, complementa Elaine. O lugar está fechado há dez anos e o grupo conseguiu a concessão da Prefeitura para os cinco dias de apresentação do espetáculo.

Há 17 anos na estrada, o Teatro da Vertigem já ocupou diferentes espaços públicos em seus espetáculos: uma igreja (O Paraíso Perdido), um hospital desativado (O Livro de Jó), um antigo presídio (Apocalipse 1,11) e até o Rio Tietê (Br-3).

Trecho do texto O Esgotado, de Gilles Deleuze

“O esgotado é muito mais do que o cansado. Não é apenas cansaço, não estou apenas cansado, apesar da subida”. O cansado não dispõe mais de qualquer possibilidade (subjéctiva): não pode, portanto, realizar a mínima possibilidade (objéctiva). O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível.

“Textos para nada”. In Samuel Beckett. Relatos. Barcelona: Tusquets, 2003: p. 81-125, p.68.



José Romero

Reis de Fumaça é apresentado pela Companhia do Feijão na Praça da República

É na praça que o teatro se configura

Outro grupo que também se apropriou do espaço público para suas apresentações é a Companhia do Feijão, que apresentou o público paulistano com uma montagem a céu aberto e gratuita. Apresentada semanalmente na Praça da República, entre março e maio deste ano, “Reis de Fumaça” faz parte do repertório do grupo que acaba de comemorar dez anos.



José Romero

O espetáculo é composto de recriações de danças dramáticas populares, depoimentos de personalidades ligadas a estas manifestações, histórias relacionadas à escravidão no Brasil, poesia e músicas populares de diversas origens e recriações de lembranças e experiências pesquisadas pelo elenco.

De acordo com a Companhia, a opção por realizar um espetáculo na rua trata-se de uma nova proposta cênica do grupo, buscando que gere, ao mesmo tempo, diversão e reflexão. Trata-se não de simplesmente levar um espetáculo preconcebido à rua, mas sim de buscar a raiz de uma manifestação de rua. E lá, na praça, é que o teatro se configura.

“Escolhemos a República por ela ser uma praça simbólica, bonita e com grande circulação de pessoas”, conta Pedro Pires, diretor e dramaturgo da Companhia. “Apesar disso, de ser muito movimentada, é um local sem muita poluição sonora e, como não usamos nenhum tipo de microfone ou equipamentos para amplificação da voz, precisávamos que o local não fosse muito ruidoso”, completa Pedro.



Os atores Wolff Rothstein e Otávio Costa Filho durante apresentação de *Línguas Discordantes* na Praça Roosevelt

A interação com o público

Na rua, no bom sentido, é claro, desde março do ano passado o espetáculo “Línguas Discordantes”, da Confraria da Criação, estendeu sua temporada até o final de maio. O grupo se apresenta todos os sábados na Praça Roosevelt, em frente ao Espaço dos Satyros 1.

Em março de 2007, a peça estreou no Projeto Rua da Surpresa, na Rua Central do SESC Pompéia. Em maio foi apresentado no Refeitório Penaforte, em uma parceria com a Associação Rede Rua. Em setembro participou da I Mostra de Teatro de Rua, em Barueri, sendo apresentada na Estação Rodoviária Central. De outubro a dezembro foi a vez da Praça Marechal Cordeiro de Farias (Consolação) receber a trupe.

A companhia, que não recebe nenhum tipo de incentivo público ou privado, optou por uma montagem simples, sem muita cenografia e com apenas dois atores, pois assim se locomovem com facilidade, além de cortar custos. “A apresentação na rua exige mais do ator, pois precisamos estar atentos aos imprevistos e às interferências do público”, conta o ator Otávio Costa Filho, que é também um dos fundadores da Confraria da Criação. “Sempre acontece algo inusitado. Outro dia uma moradora de rua interagiu o tempo todo com a gente, se identificou com um dos personagens – um morador de rua – e ficou dialogando conosco, como se fizesse parte da peça. Há algumas semanas um gari quase pegou um saco de lixo que faz parte da cenografia”, diz o ator que vê essa integração com o público de forma positiva.

Movimento Teatro de Rua de São Paulo

O MRT-SP existe desde 2003 e nasceu com o propósito de reunir os grupos teatrais da cidade, para que se organizassem em torno de suas discussões e ações culturais. Atualmente reúne cerca de 40 grupos e é um espaço de discussão e ação permanente, sempre aberto a novos grupos e artistas.



Mini-ensaio

Teatro de Rua e sua importância na metrópole

Por João Carlos Andreazza*

A rua é um advento da modernidade. Surge com as técnicas de pavimentação e com a idéia de modernização do núcleo urbano. Com a direção do Barão de Haussman, arquiteto e prefeito de Paris, e sob a autoridade de Napoleão III, ambos vislumbraram uma nova forma para a cidade, com largas vias de locomoção. O material escolhido para a pavimentação apresentava sérios problemas: nos dias de verão, sob as rodas das carruagens e os cascos dos cavalos levantava poeira e nos dias chuvosos de inverno virava um grande pântano, o lodaçal de macadame. O bulevar surge, com novas vias e artérias de um sistema circulatório urbano, e com ele a grande transformação. Nas calçadas, os cafés, um espaço privado, em público, onde as pessoas podiam dedicar-se à própria intimidade, sem estar fisicamente sós, ao lado delas carruagens percorrendo essas avenidas anunciando o grande mal trazido pelo progresso que conhecemos como tráfego. A rua passa a pertencer ao tráfego.

A intenção de Napoleão III com a criação dos bulevares era, na verdade, militarista. Largas ruas para facilitar o transporte de tropas de artilharia com o fim de coibir qualquer levante popular. Entretanto percebemos dois movimentos importantes: os cavalos são libertos das carruagens e o povo transforma esses elementos dinâmicos em inertes. As carruagens de cabeça para baixo se transformam em barricadas. O povo rearranja esse ambiente para o confronto e proteção. A rua será palco de transformações sociais incríveis ao longo da história.

Esse é um movimento muito interessante e sinto que hoje o teatro de rua tem um papel que passa pelo mesmo viés dentro da metrópole, o resgate das ruas. Ambiente extremamente frutífero para nós artistas. Quando digo a frase: “O teatro é coisa muito séria, é a mais concorrida escola pública da boa e da má educação de um povo” é porque acredito no teatro como instrumento pedagógico. A recuperação da rua como espaço de confraternização e comunhão continua sendo o grande desafio social do nosso século e é com tal compromisso que vejo o teatro de rua. Não como uma forma utilitária, mas prazerosa de reconquista. Pensamos nisso quando escolhemos as linguagens com as quais vamos trabalhar levando para rua dança, música, circo, máscaras, enfim, tudo aquilo que tem cor, vida e poesia, num mundo

cada vez mais monocromático, onde a rua serve somente ao fluxo econômico de uma cidade.

Gosto de ver a interferência alegre deste teatro devolvendo a humanidade perdida a este ambiente. Aprendi a amar a cidade e vejo com pesar o medo ao encarar esses perigosos corredores de passagem, em que se transformaram as ruas. Sinto que a proximidade que o teatro de rua estabelece, ao fazer sua apresentação no mesmo piso que o público se encontra, é uma maneira do artista de falar com seu semelhante diretamente. Essa comunicação criada é forte. Quando um ser humano fala diretamente ao outro não tem como o diálogo não se estabelecer. Quem pára o faz por curiosidade e identificação.

O compromisso que temos com teatro de rua é uma opção e não a falta de. Não é porque não temos lugar pra fazer. Não queremos o edifício teatral. Essa é uma história que construímos pra nós e que escrevemos nas pedras das calçadas e no asfalto das ruas. Uma história muito bonita que pode ter desdobramentos maravilhosos. É isso que devemos ter em mente quando com “amor no coração preparamos a invasão” no cotidiano da cidade. Não obstante a linguagem, o importante é tocar a sensibilidade, criar humanidade na fantasia e pôr brilho nos olhos daqueles que nos assistem.

Quando manifestamos nossa intenção de recuperar a rua como espaço de confraternização e comunhão e criar o éden no meio do caos, entendemos nosso valor. O teatro de rua tem essa força. Ele é destituído das formas burguesas do fazer teatral, não está preso dentro das salas fechadas, não cobramos ingressos, mas passamos o chapéu e quem quiser contribuir que o faça! Nesse encontro entre pessoas, dialogamos com suas necessidades, nas contradições internas da rua, fazendo com que elas sintam mais amor umas pelas outras. Pode parecer pueril, mas na realidade é de fundamental importância o reconhecimento do caráter redentor da poesia, exercício da beleza e do amor. E o amor é a grande forma de comunicação entre os seres humanos, que se expressa aqui por meio do teatro que acontece na rua.

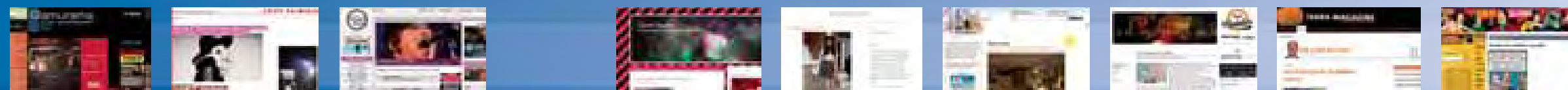
* João Carlos Andreazza é ator, encenador, mestrando em Artes pela Universidade Federal de Campinas. Atualmente trabalha na implementação do programa Fábricas de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.



divulgação

Marcelo Tas recomenda

O apresentador multimídia indica seus sites culturais preferidos



Diretor, apresentador, jornalista, roteirista. São várias as funções que Marcelo Tas acumulou na televisão. Recentemente, Tas, que ficou nacionalmente conhecido pelo seu personagem humorístico Ernesto Varela, um repórter fictício que ironizava personalidades políticas da época da abertura, completou 20 anos de televisão. De lá para cá desenvolveu diversos trabalhos e participou da criação de alguns programas inovadores na televisão brasileira. Entre eles: "Rá-Tim-Bum", "Castelo Rá-Tim-Bum" e "Vitrine", na TV Cultura de São Paulo e "Programa Legal", na TV Globo. Foi em 1998 que Marcelo Tas reformulou completamente o "Vitrine", que passou a ser ao vivo e em estúdio. O programa, que tinha como missão desmistificar os bastidores da telinha, mostrando ao público o que acontece por trás das câmeras, invadindo estúdios de rádio, sets de cinema e agências de publicidade, ganhou em interatividade e abriu espaço para uma nova mídia, a Internet. O telespectador passou a ser "internauta". O Vitrine também inovou sendo

o primeiro programa da TV brasileira a ser transmitido pela grande rede. E é sobre o assunto que esta matéria com Marcelo Tas trata: dicas de seus web sites culturais favoritos, agenda de eventos, blogs e afins.

Agenda e eventos

Para a consulta de eventos que acontecem na cidade, Tas acessa as agendas mais conhecidas e poderosas, como a da Joyce Pasowitch (Glamurama), da Érika Palomino e o Oba Oba; como outras mais inusitadas e igualmente divertidas: Gente Bonita em Clima de Paquera, Freak Style e Urbanistas. Confira abaixo cada um deles detalhadamente:

Glamurama – www.glamurama.com.br

O site da jornalista e ex-colunista do jornal Folha de São Paulo traz agenda com eventos culturais na cidade, notícias da moda, bastidores dos artistas e famosos e uma coluna com as últimas novidades de Nova York.

Érika Palomino – www.erikapalomino.com.br

Inaugurado em 2001 o site que leva o nome da jornalista e consultora de moda tem como foco principal a moda, mas trata de música, comportamento, underground e bastidores da noite paulistana. A agenda traz as melhores festas da cidade, principalmente de música eletrônica.

!ObaOba – www.obaoba.com.br

O !ObaOba foi o pioneiro em seu segmento, lançado em 1996, é hoje o maior portal de baladas do Brasil com 2.000 festas e eventos divulgados por mês, além de um conteúdo completo sobre opções de lazer, entretenimento e vida noturna de todo o País. Sua programação é para todos: do hip-hop ao indie rock.

Gente Bonita em Clima de Paquera – www.gentebonita.org

Blog de Luciano Kalatalo e Alexandre Matias, que criaram a festa de nome homônimo em 2006. O site traz as datas das próximas festas, mp3, podcasts e indicações da dupla de DJs.

Freak Style – www.freakstyle-freakstyle.blogspot.com

Apaixonados por moda, música e pela noite de São Paulo, Paula Reboredo e Gilberto França criaram o blog Freak Style. Também comandam o brechó B.Luxo e uma festa que acontece mensalmente no Clube Glória chamada VAI! No blog mostram o que fazem quando estão pela noite paulistana.

Urbanistas – www.urbanistas.com.br

Urbanistas/SP é um blog sobre a cidade de São Paulo, a evolução do Sampaist (uma rede internacional que possui endereços em diversas cidades como Londres, Nova York, Los Angeles e Boston). Em todos os lugares os sites funcio-

nam no mesmo esquema: são abastecidos por uma equipe e contam com a colaboração dos moradores da cidade, que enviam fotos, notícias, críticas e recomendações para o site.

Site cultural recomendado

O jornalista recomenda o TED - Ideas Worth Spreading. "É um encontro anual de criativos de várias áreas que depois se estende na Internet. É uma excelente prova de como a rede pode ser um catalisador e amplificador do conhecimento (www.ted.com)", avalia Tas.

Blogs favoritos

Para ficar em três exemplos bem diferentes:

Updaters – www.updateordie.com | blog coletivo de publicitários bem-informados;

Silvio Meira – www.silviomeira.blog.terra.com.br | cientista pernambucano conectado no mundo dos bits

O cartunista **Caco Galhardo** – www.blogdogalhardo.zip.net

Atualmente Tas apresenta na Band o programa "Custe o Que Custar", o Blog do Tas, transmitido pela TV UOL e também tem seu blog www.marcelotas.blog.uol.com.br.

Cuidar, preservar e devolver
o Centro para os cidadãos.
A Nossa Caixa trabalha muito por essa idéia.



Fotos cedidas pela Associação Viva o Centro.

A Nossa Caixa é o banco de São Paulo. Nasceu no Centro da cidade, cresceu, conquistou o interior e, junto, a admiração de todos os paulistas. Mas a sede, vários outros prédios administrativos e operacionais, e centenas de funcionários da Nossa Caixa continuam lá, no coração da cidade. Trabalhando e ajudando a cuidar de uma região de importância histórica para o Estado e todo o País. Viva o Centro.

A Nossa Caixa é membro da Associação Viva o Centro. Conheça mais acessando o site: www.vivaocentro.org.br

Nossa Caixa

Mais que um banco. O Nosso Banco.



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
Trabalha sempre para você



Fotos: Carlos Cuatrecasas

Pedro Herz

o homem dos livros

É com muita simpatia e bom humor que Pedro Herz, diretor da Livraria Cultura, recebe a redação da Urbs. Percorrendo os corredores da unidade do Conjunto Nacional na companhia do homem que está à frente do maior empreendimento do setor no País notamos como ele é querido por seus funcionários e frequentadores.

Herz está no comando da companhia, que completou 60 anos em 2007, desde 1969. Ele foi o responsável por ampliar enormemente o que antes era tido como um negócio familiar, iniciado por sua mãe, Eva Herz, que alugava livros trazidos da Alemanha em sua própria residência, um sobrado localizado na Alameda Lorena.

Reconhecida pelo atendimento diferenciado e funcionários empenhados em oferecer ao público um conceito que vai além da simples venda de livros, a Livraria Cultura conta hoje com mais de 2,5 milhões de títulos de livros (muitos deles internacionais), além de CDs e DVDs. Hoje possui sete unidades: três em São Paulo e outras quatro nas cidades de Campinas, Porto Alegre, Recife e Brasília.

Tradicional ponto de encontro de autores e leitores, as unidades da Cultura oferecem uma série de atividades como palestras, concertos, noites de jazz, cafés filosóficos e noites de autógrafos. Uma efervescência cultural que Herz faz questão de acompanhar de perto: “Temos que lambar a cria, não é mesmo? Freqüento os eventos e sempre que posso visito as filiais”, diz em tom paternal de quem cuida e gosta muito da cria.

Urbs: O senhor mora no Centro de São Paulo, há algum plano de abrir uma unidade naquela região?

Herz: Por enquanto não, mesmo porque não sei se o mercado comporta, é diferente de outros ramos de atividade. Não é abrindo mais livrarias que vamos conquistar mais leitores, não é assim que funciona. Não há mercado para isso, sem contar que aqui (no Conjunto Nacional) é muito perto do Centro, em linha reta, não dá nem 2 quilômetros.

Urbs: Se não é abrindo mais livrarias que se conquista mais leitores, então como se dá esse processo?

Herz: Acredito que em primeiro lugar, com o incentivo das escolas e em segundo, com a influência dos pais. O exemplo vem de casa, pais que lêem, têm filhos leitores. Acho que esse hábito ainda precisa evoluir no Brasil, se os pais não derem o exemplo, dificulta a vida do professor.

Urbs: Vocês têm um programa chamado Mais Leitores, fale um pouco sobre ele.

Herz: O “Mais Leitores” tem por volta de dois anos e foi criado exatamente com a idéia de baratear o livro e estimular a leitura. O programa funciona assim: nós recomparamos livros dos clientes que compraram aqui (em até seis meses) e revendemos o material pela metade do preço em nosso site. A idéia é ter mais leitores por exemplar e não ser lido por apenas uma pessoa.

Urbs: Sobre o *e-book*, o senhor acredita que um dia ele substituirá o livro em papel?

Herz: Olha, não sei responder a essa pergunta, teríamos que conversar com aqueles que estão nas maternidades (*risos*). Talvez os bebês de hoje no futuro utilizem o *e-book*. Nós temos aqui na Livraria Cultura e, por enquanto, o resultado é zero.

Urbs: Em plena era da Internet, do *e-book* e do mp3 vocês também começaram a vender o velho vinil. Por quê?

Herz: Sim, a indústria do vinil voltou. Foi uma questão de mercado: a indústria ofereceu, nos compramos. Os “entendidos”, os fanáticos por música dizem que o som do vinil é melhor que o do CD. É uma discussão que honestamente o meu ouvido não consegue perceber.

Urbs: O senhor faz viagens internacionais para pesquisa de mercado?

Herz: Vou muito a feiras. Agora em abril fui a Londres, vou todo ano a Frankfurt, quando tenho a oportunidade de conversar com nossos fornecedores. Também tenho reuniões com eles duas vezes por ano, fora aqueles que nos visitam.

Urbs: A Livraria Cultura oferece uma vasta quantidade de livros internacionais. Como funciona a seleção desses exemplares?

Herz: Nós recebemos o material das editoras com as quais trabalhamos no exterior e elas nos abastecem com catálogos na forma eletrônica ou impressa e nós selecionamos



“O exemplo vem de casa, pais que lêem, têm filhos leitores.”

os títulos com os quais queremos trabalhar. Isso não reflete estoque, mas é um livro que quero ter no meu catálogo. Tem muitos livros que temos no catálogo, mas não temos em estoque, aliás, não temos a maioria. Em mais de 2,5 milhões não tenho em estoque nem 10% disso, 150 mil mais ou menos. Mas garanto que se você quiser um entre esses 2,5 milhões, trago pra você.

Urbs: Com todo esse trabalho na Livraria, o senhor parece se dedicar muito, ainda dá tempo de ler?

Herz: Dá sim, tem que dar. Hoje leio menos, por que estou ficando velho e canso com facilidade. Tem horas que o livro cai na minha cara e ainda fico bravo com ele (*risos*). E também por conta das atividades, a demanda pessoal é grande, sou convidado para cá e para lá. Assim me resta relativamente pouco tempo, antes tinha mais disponibilidade. Infelizmente ninguém expandiu o dia ainda.

Urbs: E o que o senhor está lendo no momento?

Herz: Um policial do Luiz Alfredo Garcia-Roza, que é uma coisa bem leve dele, “Berenice Procura”.

Urbs: O namoro da Cultura com a intelectualidade paulistana ficou firme nos anos 1990, quando a livraria passou a ser um ponto de encontro de personalidades como Ignácio de Loyola Brandão, Marcos Rey, Ivan Ângelo e Lygia Fagundes Telles. Conte um pouco sobre o surgimento do grupo.

Herz: As pessoas apareciam aos sábados e ficavam conversando, o tempo ia passando, e às tantas alguém falava “vamos tomar um negócio?”, aí saíamos pra tomar um negócio ou comer uma feijoada. Um dia alguém sugeriu “por que não trazemos alguma coisa e bebemos aqui mesmo?”, a partir daí começaram a trazer garrafas, e eu fui o fiel depositário das garrafas. Eu fornecia os copos e o gelo e as garrafas eram de cada um, e assim foi por um bom tempo, havia até uma permuta. Existia um botequim em frente à livraria e as vezes alguém falava: eu compro uma coxinha,



você me dá uma dose? Então ele comprava uma coxinha ou meia dúzia, colocava na mesa e ia filando a dose dos outros. Era muito engraçado, mas isso acabou. O tempo foi passando e assim como o grupo nasceu sozinho, ele também morreu sozinho.

Urbs: E dá saudade?

Herz: Sempre dá, os encontros eram sempre ótimos, mas não deixaram de existir, de outra forma, ainda se encontra muita gente. Também dá saudade dos que se foram.

Urbs: Diferente das outras megastores que proliferaram nos anos 1990, vocês investiram na abertura de filiais mais recentemente, mas mantiveram um padrão de qualidade e de atendimento. Por que só agora essa ampliação do negócio?

Herz: Tivemos uma experiência na PUC há muitos anos e uma lojinha no metrô, iniciativas que não deram certo, foram erros que cometi e com eles aprendi a lição. Então o que foi feito? Nós construímos uma sólida espinha dorsal e a partir daí comecei a “pendurar” coisas nessa espinha dor-

sal sem arrumar uma hérnia de disco. Na realidade foi isso: fiz primeiro a estrutura, depois abri as filiais.

Urbs: Com relação aos eventos realizados aqui na Livraria, ainda dá tempo de frequentá-los?

Herz: Frequento e muitas vezes sou consultado, para saber o que eu acho. Mas a resposta nem sempre é fácil. No teatro temos o Dan Stulbach, que dirige não o espaço, mas aquilo que será apresentado. Não vou ler uma peça para julgá-la qualitativamente, ele tem muito mais capaci-

“ Nós construímos uma sólida espinha dorsal e a partir daí comecei a “pendurar” coisas nessa espinha dorsal sem arrumar uma hérnia de disco. Na realidade foi isso: fiz primeiro a estrutura, depois abri as filiais. ”

dade do que eu para fazer isso. Temos diversos eventos e, fora o teatro, todos os outros são gratuitos. Às terças-feiras temos apresentações de jazz na hora do almoço, que enche de gente, uma hora e meia de jazz, que é super disputada. Também temos muitas palestras, noites de autógrafos e até programas de rádio que são transmitidos aqui do auditório do teatro.

Urbs: Esta edição da Urbs é sobre a metrópole cultural, gostaria que você falasse um pouco sobre seus lugares culturais preferidos na cidade.

Herz: Não tenho lugar preferido. O Millôr diria até que sou um cara sem estilo (*risos*). Não tenho um lugar de preferência, vou pela qualidade. Frequento muito o Teatro Cultura Artística, a Sala São Paulo, o SESC, vou ver o Ivaldo Bertazzo no Colégio Santa Cruz ou Os Parlapatões na Praça Roosevelt. Onde tiver atrações que me interessam, eu vou.

Urbs: A vida cultural de São Paulo lhe agrada?

Herz: Sim, apesar de ser uma cidade que reúne o que tem de pior e de melhor, é uma cidade culturalmente riquíssima.

O mapa cultural de São Paulo

Confira os principais espaços culturais que fazem da cidade o maior pólo cultural do País

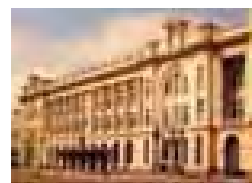
Centro



① Sala São Paulo

Sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), a Sala São Paulo é hoje a maior e mais moderna sala de concertos da América Latina.

Sua qualidade acústica é comparada ao som das filarmônicas de Viena, Nova York e Filadélfia. Localizada no Complexo Cultural Júlio Prestes, antiga estação de trens da Estrada de Ferro Sorocabana, a Sala São Paulo foi construída para receber as melhores orquestras sinfônicas do mundo.



divulgação

② Pinacoteca

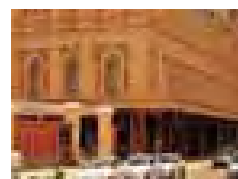
Projetada por Ramos de Azevedo com o objetivo de construir uma nova sede para o Liceu de Artes e Ofícios, a Pinacoteca do Estado é hoje uma das galerias mais visitadas da cidade. Este fato foi impulsionado por dois acontecimentos principais: a reforma do prédio, assinada por Paulo Mendes da Rocha (em 1993) e pela exposição de Auguste Rodin, dois anos depois. Além de exposições temporárias de destaque como as de Iberê Camargo e Tarsila do Amaral, o acervo da Pinacoteca conta com 6,3 mil obras, entre elas destacam-se “A Portadora de Perfume”, de Brecheret e “Mestiço”, de Portinari.



divulgação

③ Museu da Língua Portuguesa

Localizado no edifício histórico Estação da Luz, o museu foi inaugurado em 2006 com o objetivo de criar um espaço vivo sobre a língua portuguesa, onde fosse possível causar surpresa nos visitantes com os aspectos inusitados e, muitas vezes, desconhecidos de sua língua materna. O museu possui um acervo inovador e predominantemente virtual, combinando arte, tecnologia e interatividade.



divulgação

④ Teatro Municipal

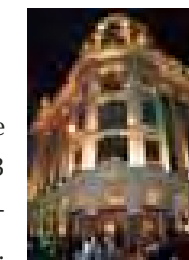
Inaugurado no dia 12 de setembro de 1911, com a ópera Hamlet, de Ambrósio Thomas, o Teatro Municipal iniciou um novo estágio na vida cultural paulistana, um espaço à altura das grandes companhias estrangeiras. Hoje, o Teatro Municipal coordena escolas de música e dança e busca desenvolver o trabalho de seus corpos estáveis: a Orquestra Sinfônica Municipal, a Orquestra Experimental de Repertório, o Balé da Cidade de São Paulo, o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, o Coral Lírico e o Coral Paulistano.

⑤ Espaço Cultural BM&F

Localizado no *hall* social do edifício da Bolsa de Mercadorias e Futuros, na Praça Antônio Prado, o Espaço Cultural se incorporou ao calendário cultural da cidade há seis anos. Desde então promoveu diversas exposições de grandes nomes, como Anita Malfatti, Tomie Ohtake, Benedito Calixto, Di Cavalcanti e Renée Lefèvre.

⑥ Centro Cultural Banco do Brasil

Criado com o objetivo de injetar uma vitalidade ainda maior na cena cultural paulistana, o CCBB São Paulo foi inaugurado há sete anos e se consagrou como um dos pólos culturais da cidade.



divulgação



Por meio de uma programação de qualidade (nas áreas de artes plásticas, cinema e vídeo, música e artes cênicas) e de seus programas educativos, o CCBB também contribui para mudar a relação do paulistano com o Centro.

⑦ Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal

Com influências da *art déco*, o edifício que abriga o Conjunto Cultural tem como destaque suas fachadas sofisticadas com colunas jônicas de granito negro. Pelas cinco salas de exposição já passaram mostras de grande porte como Anita Malfatti, Carmem Miranda, além de obras de Salvador Dali, Goetz e Chagall. Apresentações musicais também fazem parte da programação do centro cultural.



Paulista



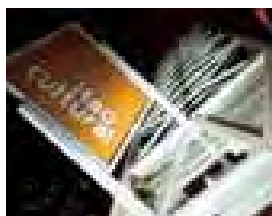
1 MASP

Um dos mais famosos cartões-postais da cidade, o Museu de Arte de São Paulo reúne o mais valioso acervo de arte da América

Latina. São mais de cinco mil obras, entre itens arqueológicos e peças contemporâneas, telas, esculturas, gravuras, desenhos, fotografias, vestimentas, tapeçaria e design. Entre as obras destacam-se artistas internacionais de peso como: Botticelli, Rafael, Ticiano, Cézanne, Renoir, Matisse, Monet, Goya, Picasso e Van Gogh. Além de grandes nomes brasileiros como Portinari, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Lasar Segall.

2 Centro Cultural FIESP

Localizado na mais importante avenida de São Paulo, o Centro Cultural FIESP foi projetado por Paulo Mendes da Rocha e inaugurado em 1998. Com arquitetura moderna, o espaço reúne o Teatro Popular do SESI, a Galeria de Arte do SESI e o Mezanino do Centro Cultural FIESP, além de espaços alternativos. Sua programação, que inclui espetáculos teatrais, shows, exposições de arte, palestras e cinema, atrai anualmente meio milhão de pessoas, tornando-se assim um dos principais produtores culturais da capital paulista.



3 Itaú Cultural

Entidade sem fins lucrativos e que privilegia a cultura brasileira, o Itaú Cultural vem desde 1987 promovendo as mais diversas manifestações de arte e levando

cultura e educação aos paulistanos. Um dos principais acervos da entidade é a midiateca onde há cerca de 32 mil títulos entre livros, catálogos, CDs, vídeos, obras de referências e periódicos.

O prédio também abriga um auditório, teatro e quatro pisos dedicados a exposições. Outra linha de atuação do Itaú Cultural é o projeto Rumos que, desde 1997, vem dando apoio ao desenvolvimento de propostas inéditas nas áreas de educação, jornalismo, teatro, literatura, artes visuais e interativas.

4 SESC

Entidade privada mantida pelos empresários do comércio e serviços, o SESC foi criado em 1946 e desde então vem desenvolvendo atividades nas áreas de educação, saúde e cultura. Em São Paulo, a entidade mantém 14 unidades e organiza por ano cerca de sete mil eventos, incluindo exposições, shows e espetáculos de teatro e dança.



5 Casa das Rosas

Reinaugurada em 2004, a Casa das Rosas foi o primeiro espaço público do País destinado à poesia, nomeado de Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, abrigando o acervo de cerca de 20 mil volumes da biblioteca do poeta, tradutor e ensaísta. O espaço tornou-se uma biblioteca circulante especializada em poesia; oferece cursos bimestrais, exposições, peças de teatro, lançamentos de livros, palestras e eventos musicais.

6 Centro Cultural São Paulo

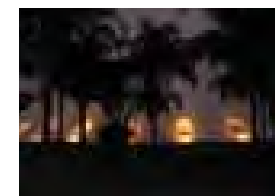
Concebido inicialmente para abrigar uma extensão da Biblioteca Mário de Andrade, em 1982, o CCSP oferece espetáculos de dança, teatro e música, mostras de artes visuais, projeções de cinema e vídeo, oficinas, debates e cursos. O Centro também mantém sob sua guarda expressivos acervos da cidade de São Paulo: a Pinacoteca Municipal, a Discoteca Oneyda Alvarenga, a coleção da Missão de Pesquisas Folclóricas de Mario de Andrade, o Arquivo Multimeios e um conjunto de bibliotecas.

Parque do Ibirapuera



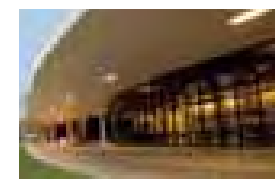
1 Oca

Projetado inicialmente para acolher um planetário, o Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, conhecido popularmente como Oca, destaca-se em meio às árvores do Parque do Ibirapuera, por seu design magnífico. O prédio, projetado por Oscar Niemeyer, teve sua estrutura original recuperada em 2000. Sob o comando de Paulo Mendes da Rocha, a recuperação destacou o traçado límpido do projeto do domo com escotilhas e remodelou a porta de entrada. Já foram realizadas mais de 50 exposições, muitas de grande repercussão como Brasil 500 Anos, Picasso, Guerreiros de Xi'an, Corpo Humano: Real e Fascinante e Leonardo da Vinci - A Exibição de um Gênio.



2 MAM

Fundado em 1948 com o esforço de intelectuais como Sérgio Milliet e principalmente a iniciativa do industrial Francisco "Ciccillo" Matarazzo, o Museu de Arte Moderna de São Paulo conta hoje com um acervo de mais de 3,7 mil obras, entre instalações, colagens, telas e esculturas. Sediado em uma área privilegiada do Parque do Ibirapuera, integrando a estrutura paisagística e arquitetônica projetada por Oscar Niemeyer, o edifício possui duas galerias de exposição, reserva técnica (onde fica acondicionado o acervo do museu), auditório, ateliê, loja e restaurante.



3 Fundação Bial

O Pavilhão Ciccilio Matarazzo, como é conhecido, é a sede da Fundação Bial de São Paulo. Com 36 mil metros quadrados, o prédio abriga as famosas Bienal de Arte São Paulo e a Bienal Internacional de Arquitetura e Design, além de outras mostras como a exposição de moda São Paulo Fashion Week, a Feira do Livro Infantil e a Feira Internacional de Arte Moderna e Contemporânea de São Paulo.

4 Museu Afro Brasil

O museu possui um acervo de mais de três mil obras cadastradas entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, livros, vídeos e documentos, de artistas e autores brasileiros e estrangeiros, relacionados com a temática do negro. Primeiro do gênero no País, o museu tem como objetivo divulgar e manter viva a cultura afro-brasileira por meio de manifestações artísticas como cinema, fotografia, música e dança.

5 MAC

O Museu de Arte Contemporânea da USP é um dos mais importantes museus de arte moderna e contemporânea da América Latina. Seu acervo possui cerca de dez mil obras – entre óleos, desenhos, gravuras, esculturas, objetos e trabalhos conceituais – de mestres da arte do século XX como Picasso, Matisse, Miró, Kandinsky, Modigliani, Calder, Braque, Henry Moore, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Volpi, Brecheret, entre tantos outros. Além das exposições o MAC oferece ao público, nos três edifícios que ocupa – um no Parque Ibirapuera e dois na Cidade Universitária – diversas atividades e serviços como disciplinas optativas para graduação, cursos de extensão cultural, atividades de ateliês, visitas orientadas, biblioteca e loja.

6 Pavilhão Japonês

Completamente importado do Japão (material, projeto e parte da construção), o Pavilhão Japonês foi concebido pela colônia japonesa de São Paulo para homenagear IV Centenário da cidade. O espaço – que é um réplica do Palácio Katura, em Kyoto – apresenta esculturas do século XI, roupas de samurais, estatuetas e vasos de diversas dinastias. Há ainda o jardim (de concepção japonesa, com plantas asiáticas), o salão de chá, o salão nobre e a varanda que corteja o lago, que tem mais de 130 carpas ornamentais.

Outros espaços

Museu de Arte Brasileira da FAAP (Higienópolis)

Aberto ao público desde 1961, o MAB surgiu com a proposta de reunir e conservar um acervo de obras de artistas brasileiros ou aqui radicados. Atualmente, o acervo dispõe de cerca de 2,6 mil obras que representam diversos períodos da história da arte no Brasil.



Cinemateca Brasileira (Vila Mariana)

Instituição responsável pela preservação da produção audiovisual do País, a Cinemateca Brasileira desenvolve atividades em torno da difusão e da restauração de seu acervo, um dos maiores da América Latina. São cerca de 200 mil rolos de filmes, entre longas, curtas e cinejornais. Possui também um amplo acervo de documentos formado por livros, revistas, roteiros originais, fotografias e cartazes.

Paço das Artes (Cidade Universitária)

Localizado no campus da USP em uma área de 4 mil m², o Paço das Artes é uma galeria de arte multidisciplinar que promove programas de ação cultural através de exposições e publicações que abrangem todos os segmentos das artes visuais (artes plásticas, artes gráficas, design e multimídia).

Museu Paulista (Ipiranga)

Conhecido popularmente como Museu do Ipiranga, o mais antigo museu da cidade tem em seu interior peças que contam a história da sociedade brasileira, em especial da paulistana, do seiscentismo até meados do século XX. O acervo reúne mais de 125 mil unidades entre esculturas, quadros, móveis, peças religiosas e documentação arquivística. Há também um acervo iconográfico que dispõe desde estatuetas que decoravam as casas da aristocracia do século XIX até pinturas que reproduzem vistas da cidade.

Memorial da América Latina (Barra Funda)

Inaugurado em 1989, o Memorial da América Latina nasceu com o objetivo de estreitar as relações culturais, políticas, econômicas e sociais do Brasil com os demais países da América Latina. Em um espaço de mais de 84 mil metros quadrados, o Memorial promove palestras, debates, sessões de vídeo, e espetáculos de teatro, música e dança gratuitos. Sua estrutura também oferece biblioteca (com mais de 30 mil livros), videoteca, fonoteca e um acervo que abriga 2 mil peças de arte popular latino-americana.



divulgação

MuBE (Jardim Europa)

Projetado por Paulo Mendes da Rocha, o Museu Brasileiro de Escultura foi inaugurado em 1995 com uma exposição de Victor Brecheret. Desde então vem recebendo exposições de artistas da vanguarda histórica e moderna, representativos na formação da arte moderna e contemporânea nacional e internacional. O MuBE também oferece cursos e

workshops, realiza anualmente cerca de 90 apresentações de música solo ou de grupos de câmara, nas áreas de música contemporânea, erudita e lírica, mostras de vídeoarte e mantém uma sala multimídia, "Um Museu sem Fronteiras", um acervo de vídeos e CD-ROMs para consulta e pesquisa.

Instituto Tomie Ohtake (Pinheiros)

Inaugurado em novembro de 2001, o Instituto tem como proposta apresentar as novas tendências da arte nacional e internacional, além daquelas que são referências nos últimos 50 anos, período que coincide com o trabalho da artista que dá nome ao espaço. Instalado em um complexo empresarial, o instituto dispõe de sete salas de exposição, quatro salas de ateliês, uma de seminários e uma de documentação, restaurante, café, livraria, teatro e cinema. Além das exposições, o espaço oferece cursos, oficinas e debates.



divulgação

Calendário

Principais eventos culturais fixos realizados em São Paulo	Comemorações do aniversário da cidade 25 de janeiro	Comemoração do Ano Novo Chinês fevereiro	Carnaval fevereiro	É Tudo Verdade Festival Internacional de Documentários 23 de março a 06 de abril	Salão de Arte e Antiguidades 18 a 24 de agosto	Bienal Internacional do Livro de São Paulo 14 a 24 de agosto	Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo 21 a 29 de agosto	Skol Beats 27 de setembro	Tim Festival outubro
Festival Sesc dos Melhores Filmes do Ano de 08 a 24 de abril	Virada Cultural 26 e 27 de abril	Edição da Feira de Artes da Vila Pompéia 18 de maio	São Paulo Fashion Week 18 a 24 de junho	Anima Mundi 23 a 27 de julho	Mostra Internacional de Cinema de São Paulo 17 a 30 de outubro	Bienal Internacional de Arte 26 de outubro a 6 de dezembro	Mix Brasil – Festival de Cinema e Vídeo da Diversidade Sexual novembro	Festival Mundial do Minuto novembro	Bienal Internacional de Arquitetura e Design dezembro (anos ímpares)

Ilusão de momento

Por Emídio Luisi

“Poucos serão os anos necessários para que o tempo presente lance sua flecha para o futuro, transformando a cidade em outra cidade, perdendo becos e inaugurando catedrais de fé, arranha-céus e de ações ao portador. Por isso é que este próprio ensaio é uma ilusão de momento. Já que nesta cidade nada está parado, nem mesmo as imagens. Não se surpreenda em demasia se amanhã, ao abrir esta revista e as mesmas fotos forem outras, estranhas e novas. Apenas contemple, afinal aqui tudo é movimento inconstante e vibração constante”.



“Exposição Kazuo Ohno 101”, SESC Paulista



"Senhora dos afogados", Teatro Sesc Anchieta. Direção de Antunes Filho



a também
sendo também verdadeiro.

Temp: morto e outros tempos



Companhia australiana
Strange Fruit,
espetáculo "The Field",
Vale do Anhangabaú



O Grupo Santa Helena

Contra o academismo da época o grupo de artistas, formado na década de 1930, colaborou para que se produzisse intensamente um contato do público com a arte

*Por Lisbeth Rebollo Gonçalves**

A década de 1930 deu lugar a importantes acontecimentos na história da arte brasileira, em seqüência aos propósitos de inovação plástica lançados em 1922, com a Semana de Arte Moderna. São Paulo foi, ao lado do Rio de Janeiro, o centro desses acontecimentos. Era, na época, uma cidade que começava a se tornar metrópole, com o avanço do processo de industrialização e o conseqüente desenvolvimento econômico e social que a levaria, algumas décadas mais tarde, a tornar-se o principal pólo do País.

A produção artística paulistana tem marcas especiais. Enquanto nos anos 1920, o modernismo busca um diálogo aberto com as vanguardas do início daquele século, ao lado de um projeto estético de construção da identidade cultural, os anos 1930 dão lugar ao surgimento de jovens artistas cuja produção plástica era marcada pela pesquisa artística, observando todo o trajeto da história da arte ocidental. Acolhia, assim, tanto informações do passado como da arte moderna. Observava, principalmente, o pós-impressionis-

mo francês, colocando em relevo pontos de ligação com a pintura italiana, que também registra naquele movimento: há aproximações possíveis com os *macchiaioli*. Esta nova geração realizava uma pintura de tons baixos, dedicando-se em especial à paisagem, mas os artistas produziam também estudos de ateliê, de onde nasciam naturezas-mortas, composições com figuras humanas.

Os artistas do Grupo Santa Helena alinharam-se, além do mais, na luta pela abertura de espaços para expor a arte moderna no meio cultural de São Paulo. Nesta época, não existiam museus, galerias de arte ou centros culturais voltados para a arte moderna. O academismo dominava o gosto do público, acostumado aos Salões de Belas Artes e a um mercado caracterizado pela estética acadêmica.

A geração de pintores à qual pertence o Grupo Santa Helena foi responsável, na década de 1930, por este fato importante: colaborou intensamente para que se produzisse um contato do público com a arte de seu tempo. Foram atuantes na organização de mostras coletivas, realizadas em locais que alugavam para realizar tais eventos.

Foi por via do comentário a estas exposições coletivas, inseridas na busca de renovação estética, que a crítica de arte modernista surgiu na grande imprensa brasileira, colaborando para consolidar um novo circuito no sistema artístico.

Desta forma, o Grupo Santa Helena esteve presente no processo de afirmação da arte moderna no contexto da sociedade brasileira, até então acostumada aos padrões da Academia. Pode-se dizer que os jovens do Santa Helena compõem parte crucial da base humana que solidificou a implantação efetiva da modernidade artística no cenário cultural do País. Nesse processo, a Sociedade Pró Arte Moderna – SPAM [1], e o Clube dos Artistas Modernos – CAM, em fins de 1932, bem como os Salões de Maio e a Família Artística Paulista, promovendo exposições coletivas, em 1937 e nos dois anos seguintes, são acontecimentos que ensejaram a aproximação entre os artistas plásticos surgidos nos primeiros momentos do modernismo e esses jovens que vinham aparecendo e se tornando permeáveis aos influxos modernos. [2]

Na realidade, o Grupo Santa Helena nunca chegou a montar uma exposição enquanto tal, durante o período em que esteve constituído, mas colaborou efetivamente no desenho do quadro artístico geral. Foi ele o núcleo da Família Artística

ca Paulista, tendo também alguns de seus componentes participado dos II e III Salões de Maio [3] e das Exposições do Sindicato dos Artistas Plásticos [4], bem como do Salão de Arte da Feira Nacional das Indústrias, já na década de 40.

O Grupo era composto pelos artistas (em ordem alfabética): Aldo Bonadei (1906-1974), Alfredo Rullo Rizzotti (1909-1972), Alfredo Volpi (1896-1988), Clóvis Graciano (1907-1988), Francisco Rebolo Gonsales (1902-1980), Fúlvio Pennacchi (1905-1992), Humberto Rosa (1908-1948), Manoel Martins (1911-1979) e Mário Zanini (1907-1971). A sua formação iniciou-se em 1935, em torno do ateliê de Rebolo Gonsales, no edifício Santa Helena, na Praça da Sé, localizado no centro da cidade de São Paulo. Principalmente, este edifício reunia profissionais liberais e escritórios,



Cartão-postal do Palacete Santa Helena que abrigou o grupo. O edifício, concluído em 1929, inovou a arquitetura do centro da cidade e foi negligentemente demolido, na década de 1970, para dar lugar à Estação Sé do metrô.

[1] A SPAM e o CAM foram associações abertas apenas a um público de arte associado. Seu objetivo era, entre outros, a realização de exposições, conferências, reuniões sociais. A SPAM realizou baile de carnaval com decoração feita pelo artista Lasar Segall, que vivia no Brasil desde meados dos anos 1920. O CAM tinha em Flávio de Carvalho o principal animador cultural. Apresentou ao público teatro, encenando uma peça que ficou famosa, de autoria deste artista: “O Bailado do Deus Morto”.

[2] Os artistas do Grupo Santa Helena se aproximaram das vanguardas artísticas do começo do século XX, em meados dos anos quarenta. Suas obras receberam informação do cubismo, do ex-

pressionismo e, mais tarde, em alguns casos e momentos, também da abstração.

[3] A Família Artística Paulista e o Salão de Maio foram salões efêmeros que agruparam os artistas que buscavam uma renovação na linguagem plástica. Cada um deles realizou três mostras anuais. A Família, em 1937, 1938 e 1940. O Salão de Maio, em 1936, 1937 e 1939.

[4] O Sindicato dos Artistas Plásticos, surgido em 1937, foi criado como decorrência da nova legislação trabalhista instalada no país pelo presidente Getúlio Vargas.



Dança da Bandeira Vermelha, 1943, de Clóvis Graciano

acolhendo no térreo um cinema, o Cine Santa Helena. Pouco mais tarde, os artistas alugaram uma segunda sala de trabalho, vizinha à primeira ocupando assim as salas 231 e 232 do edifício. O prédio acolheu, depois, também o Sindicato dos Artistas Plásticos, surgido em 1937, assim como o Grupo de Cultura Musical, formado no final daquela década.

Formação imigrante

Os artistas do Santa Helena eram imigrantes ou descendentes [5] e sua formação se fizera, na maioria dos casos, através de cursos em escolas profissionalizantes, como o Liceu de Artes e Ofícios e a Escola Profissional Masculina, situada no bairro do Brás, onde justamente viviam contingentes de imigrantes italianos e espanhóis vindos para a cidade de São Paulo.

[5] A presença dos imigrantes e seus descendentes foi marcante no cenário artístico dos anos 1930/1940 e mesmo na década de 1950. Além dos italianos e espanhóis e seus descendentes diretos, também os japoneses e seus descendentes formaram um grupo importante: o Grupo Seibi. Houve ainda outros grupos de jovens artistas nos anos 1940, que tiveram o papel de afirmar os novos valores que surgiam no cenário artístico.

Naquela época, como vimos anteriormente, não existiam na cidade instituições culturais abertas à arte moderna (escolas, museus ou galerias de arte), as quais poderiam favorecer o contato dos jovens artistas com a arte mais avançada. Além disso, os artistas do Grupo Santa Helena eram operários ou pertenciam à “baixa classe média”, não tendo a oportunidade de viajar para a Europa, a fim de estudar arte, como faziam os modernistas, emergidos no decênio anterior. E, sendo o ensino nas Escolas de Belas Artes somente acadêmico, igualmente se viam cerceados ao usufruto de bolsas de estudo. Desta forma, a troca solidária que nascia do trabalho em ateliês comuns motivava tanto o intercâmbio da informação que tinham sobre arte como a socialização dos conhecimentos de técnicas de pintura.

A produção dos artistas do Grupo Santa Helena caracterizou-se pela liberdade de pesquisa no trabalho plástico, seja pela pintura ao ar livre, ou no trabalho em ateliê. Juntavam-se nos finais de semana e saíam para pintar nos arredores da cidade, captando com seu olhar estético a cidade que se transformava. Registram o cotidiano do homem simples,

o trabalho no campo que garante a subsistência, mas retratam também aspectos da vida urbana, em alguns casos com uma tônica social. Pintam também naturezas-mortas e flores, temas correntes na arte moderna.

O Grupo Santa Helena vem sendo tema de exposições e de revisão histórica. Mostras foram realizadas, para marcar as datas históricas dos 30, 40, 50 e 70 anos da sua formação. Livros e catálogos importantes vêm sendo publicados e a sua produção está presente nos acervos dos principais museus de arte brasileiros.

Embora, certamente, alguns de seus componentes não tivessem consciência do papel desempenhado, os trabalhos historiográficos e pesquisas realizadas para as exposições permitem adiantar que o “Grupo Santa Helena” não foi apenas uma aglomeração casual, efêmera, mas sim uma “comunidade de interesses”, no tempo e no espaço, sob o impulso externo de um estado de consciência comum que favorecia a vida sócio-cultural.

Sociologicamente, o Santa Helena pode ser visto como um

grupo primário, de contatos face a face, do qual os componentes participam inicialmente de uma maneira informal, mas que vai assumindo gradativamente uma formalização e contornos mais definidos. Trata-se de um grupo que, internamente, marcou sua interação por um processo francamente cooperativo, de estímulo e apoio recíproco, que se preservaria, inclusive, após a quebra do convívio diário e do trabalho nos dois ateliês comuns.

Por outro lado, o Santa Helena pode ser definido como um grupo cuja obra se reflete como ação social sobre si próprio, a partir do contato com o público intelectual (escritores, poetas, jornalistas, professores) que percebe na obra desses artistas uma possibilidade de configuração, em termos plásticos, da identidade cultural já em ampla manifestação na literatura, desde os anos 1920, e que acaba por constituir sólida ideologia nos anos 1930.

* *Lisbeth Rebollo Gonçalves é Professora Titular da Universidade de São Paulo e Vice-Presidente da Associação Internacional de Críticos de Artes (AICA).*



Paisagem, de Francisco Rebollo Gonsales, 1942. De meados dos anos 1930 até fins dos anos 1940, Rebollo realiza paisagens ao ar livre em cidades do interior do Estado ou do litoral, além de regiões suburbanas de São Paulo

Coleção MAC USP



Natureza Morta, de Aldo Bonadei. Paisagens suburbanas e urbanas e naturezas-mortas eram temáticas recorrentes na obra do artista

Coleção MAC USP

O CENTRO É A MARCA DA CIDADE.
COLOQUE TAMBÉM A SUA MARCA NO CENTRO.

No mundo inteiro, o centro confere identidade e marca às metrópoles.

Com o apoio de importantes empresas e organizações da sociedade civil, a Associação Viva o Centro vem colaborando com os poderes públicos na recuperação e na requalificação do Centro de São Paulo.

Coloque também a marca de sua organização nessa história de sucesso.

Associe-se à Viva o Centro.



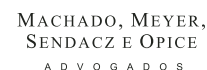
Viva o Centro
São Paulo

Rua Líbero Badaró, 425
4º andar – Centro – São Paulo/SP
CEP 01009-000

Fone: (11) 3556-8999

www.vivaocentro.org.br

Principais Patrocinadores



A dança comemora

O Balé da Cidade de São Paulo completa 40 anos com vitalidade, ousadia e competência. Programas sociais e preservação iconográfica fazem parte das ações que celebram a data

Fotos: *Sílvia Machado*

Com o nome de “Corpo de Baile Municipal”, o primeiro grupo formado em 1968 tinha como proposta acompanhar as óperas do Teatro Municipal e apresentar as obras do repertório clássico. “Nos muitos e longos intervalos entre um título lírico e outro, o grupo dedicava-se a produzir arremedos do repertório clássico tradicional e a dançar, sobretudo, criações de Johnny Franklin, seu primeiro diretor artístico, e eventualmente umas poucas obras de Lia Marques e Marília Franco, personagens importantes da dança feita em São Paulo nos anos 1950 e 1960”, conta Rui Fontana Lopes, diretor do Balé da Cidade entre 1989 e 1992.

Mas foi em 1974 que a companhia nasceu pela segunda vez. Sob a direção de Antonio Carlos Cardoso, Iracity Cardoso e Marilena Ansalti, o grupo assumiu o perfil de dança contemporânea que mantém até hoje. “Em 1974/1975 São Paulo tinha uma companhia de dança que se mostrava capaz de refletir traços distintivos da metrópole que lhe dá abrigo: usina de produção de arte e cultura, ponto de chegada e de irradiação de muitas culturas e povos, cenário de riqueza e pobreza, espaço em que se articulam diferenças e contradições, confluência de diversidades”, explica Rui.

Apresentando coreógrafos como Vitor Navarro, Oscar Araiz, Luis Arrieta e o próprio Antônio Carlos, o Balé da Cidade era uma presença destacada no cenário da dança sul-americana. Espetáculos como Vivaldi, Aquarela do Brasil, Cenas de Família e Presenças, alcançaram enorme sucesso de público e da crítica especializada.

Nos anos 1980, o experimentalismo marcou a trajetória da companhia. Em 1982, Klauss Viana assumiu a direção do grupo e, com a colaboração de Julia Ziviani, imprimiu novos rumos ao percurso do Balé da Cidade. “Acredito que se não foi pródigo em obras duradouras, do ponto de vista artístico, foi altamente provocador”, avaliou Rui por ocasião das comemorações dos 35 anos do Balé da Cidade. “Dados seu temperamento e seu modo de ser artista, Klauss não poderia ter feito de modo diferente: virou tudo de pernas para o ar, criou um grupo experimental dentro da companhia principal, deu oportunidade a novos talentos e inscreveu o teatro e a dança moderna nas almas e nos corpos de seus artistas”.

Ainda no final da década, Luis Arrieta voltou a dirigir a companhia pela segunda vez, imprimindo um perfil personalíssimo ao único período em que o grupo teve um coreógrafo residente.

Foi no ano de 1996 que o grupo iniciou sua bem sucedida carreira internacional, participando da Bienal de Dança de Lion, na França. Desde então suas turnês européias têm sido aclamadas tanto pela crítica especializada quanto pelo público que prestigia a companhia. “Procuro sempre acompanhar o grupo nas apresentações internacionais. É muito interessante observar a reação do público, principalmente do europeu, que imaginamos serem mais frios, muito pelo contrário, eles aplaudem mais do que estamos acostumados aqui e sempre procuram ter um contato com o grupo após as apresentações”, conta Mônica Mion, diretora do Balé da Cidade desde 2001 e atuando no grupo há 32 anos.

A Companhia 2

O ano de 1999 também foi um marco na história do Balé, pois nesse ano foi criada a Companhia 2: um grupo formado por alguns dos seus bailarinos mais experientes e de consolidada carreira, para compor uma equipe que busca a vanguarda dentro das tendências da dança contemporânea, abordando linguagens coreográficas por meio de conceitos e métodos diferenciados.

“A Companhia 2 poderia ser rebatizada de Companhia (marco) Zero, pois o tempo da experiência conjugado ao

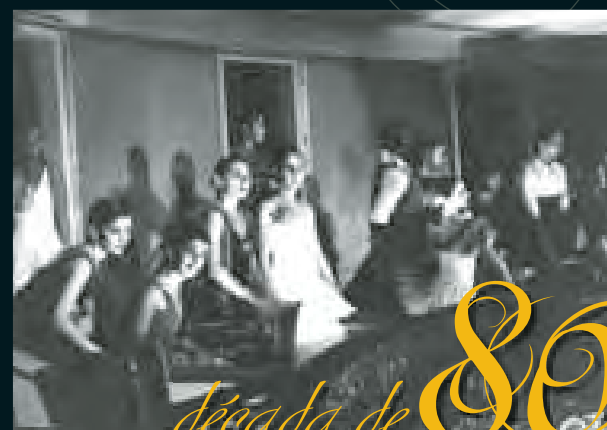
Fotos: arquivo



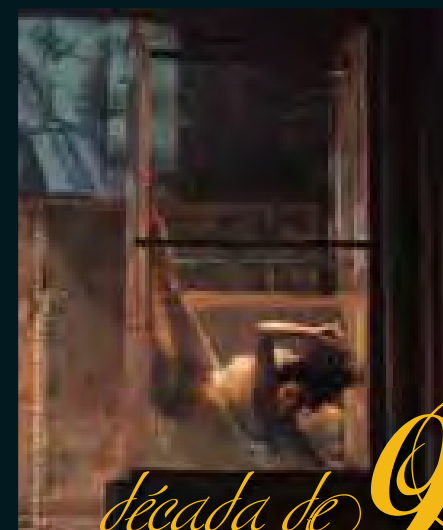
Lago dos Cisnes, remontagem Johnny Franklin, 1969



Cenas de família, Oscar Araiz, 1978



Bolero, Lia Robato, 1982



Baile na roça, vários



Divinéia, Jorge Garcia, 2000

tempo do experimento coloca, de forma privilegiada, seus intérpretes num momento inicial, o momento inaugural da (re) invenção”, avalia Cássia Navas, professora do Instituto de Artes da Unicamp e consultora do Teatro de Dança (Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo) e da Associação Paulista dos Amigos da Arte (APAA).

A Companhia 2 abriu novos horizontes para a dança brasileira e para a própria companhia, tendo seu trabalho reconhecido pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) que lhe conferiu três prêmios nos anos de 2005 e 2006.

“Apesar da criação da Companhia só ter acontecido em 1999, durante a gestão da Ivonice Satie, esse já era um desejo muito grande de alguns bailarinos, inclusive eu mesma. Nós tínhamos essa vontade de ter esse modelo que pudesse dar continuidade à carreira dos bailarinos, mesmo para uma pessoa com a idade mais avançada”, explica Cláudia Palma, bailarina, professora, coreógrafa e integrante da Companhia 2.

“Hoje sou uma bailarina, intérprete e criadora. Não sou mais uma bailarina que só executa o que o coreógrafo pede, tenho a possibilidade de desenvolver o meu trabalho e consigo desenvolver pesquisas de linguagem, me aprofundar. Nosso objetivo é priorizar o processo. Ele é fundamental, então se precisamos passar três, quatro ou cinco meses em um processo nós temos essa liberdade. Não temos a obrigação de calendário como a Companhia 1. Não é questão de errar ou não, mas questão de priorizar o artista, o que ele está pensando. É isso que vai nos enriquecer como artistas. Muitas vezes o resultado nem é tão interessante como o processo. E a Companhia 2 nos dá essa oportunidade”, diz Cláudia.

Atualmente, o elenco é formado por 28 bailarinos da Companhia 1 e seis bailarinos da Companhia 2, além da equipe técnica e administrativa. Os ensaios acontecem diariamente na sede do Balé, em um prédio localizado na Bela Vista. Os bailarinos dedicam cerca de seis horas, cinco vezes por semana, esforço que é recompensado: o Balé da Cidade de São Paulo atinge um público de mais de 100 mil pessoas em seus mais de 100 espetáculos anuais.

Trabalho social

Levar a dança a públicos mais afastados e ao conhecimento de crianças e adolescentes também são trabalhos que a companhia vem desenvolvendo há alguns anos. “Nós já fazíamos esse tipo de trabalho, mas foi agora que eles começaram a aparecer. Não só do ponto de vista da administração, como do ponto de vista do público”, aponta Mônica Mion.

Entre os trabalhos sociais, o projeto “O que é dança?” é um dos destaques. Todo mês o Balé da Cidade recebe, durante três dias no período da manhã, crianças da Rede Municipal de Ensino, que têm a oportunidade de conhecer de

perto como funciona a companhia. Durante este período as crianças podem conversar com os bailarinos, aprender sobre a dança e as carreiras ligadas à área e acompanhar um ensaio.

Outra ação desenvolvida pelo BCSP é o projeto “Circulação” que tem como objetivo levar a arte da companhia a regiões menos favorecidas da cidade. A proposta do projeto visa compartilhar, relatar e transmitir, por meio das apresentações, as informações sobre a produção artístico-cultural da instituição. Neste ano foram realizadas apresentações em Guaianazes (zona leste), na favela Sete Campos (divisa com Diadema) e na favela San Remo (Butantã).

“Acho importante contribuirmos dessa forma, pois acredito que a arte está diretamente ligada à educação e se a educação no Brasil estivesse voltada para a arte, com certeza não teríamos essa criminalidade absurda. Arte é entender o mundo de uma forma diferente, então acho que podemos contribuir muito”, conclui Cláudia Palma que participa, junto com a Companhia 2, de projetos sociais desenvolvidos pelo BCSP.

Programação comemorativa

Além do projeto Circulação, que faz parte das ações comemorativas dos 40 anos do Balé da Cidade, outras atividades

também estão sendo desenvolvidas. Uma delas é a preservação do acervo iconográfico e de vídeo, que será digitalizado, catalogado e acondicionado de maneira adequada. Os planos vão além: ainda há a pretensão de organizar um banco de dados e abri-lo ao público.

Ainda no âmbito da difusão cultural da dança, a companhia, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura, está realizando apresentações gratuitas ou a preços populares. Novos espetáculos também estão programados: Canela Fina, criada pelo catalão Cayetano Soto, e Lago dos Cisnes, do brasileiro Sandro Borelli fazem suas estréias no Teatro Municipal este ano em setembro e dezembro, respectivamente.

Balé da Cidade O Balé da Cidade por... de São Paulo

Cássia Navas

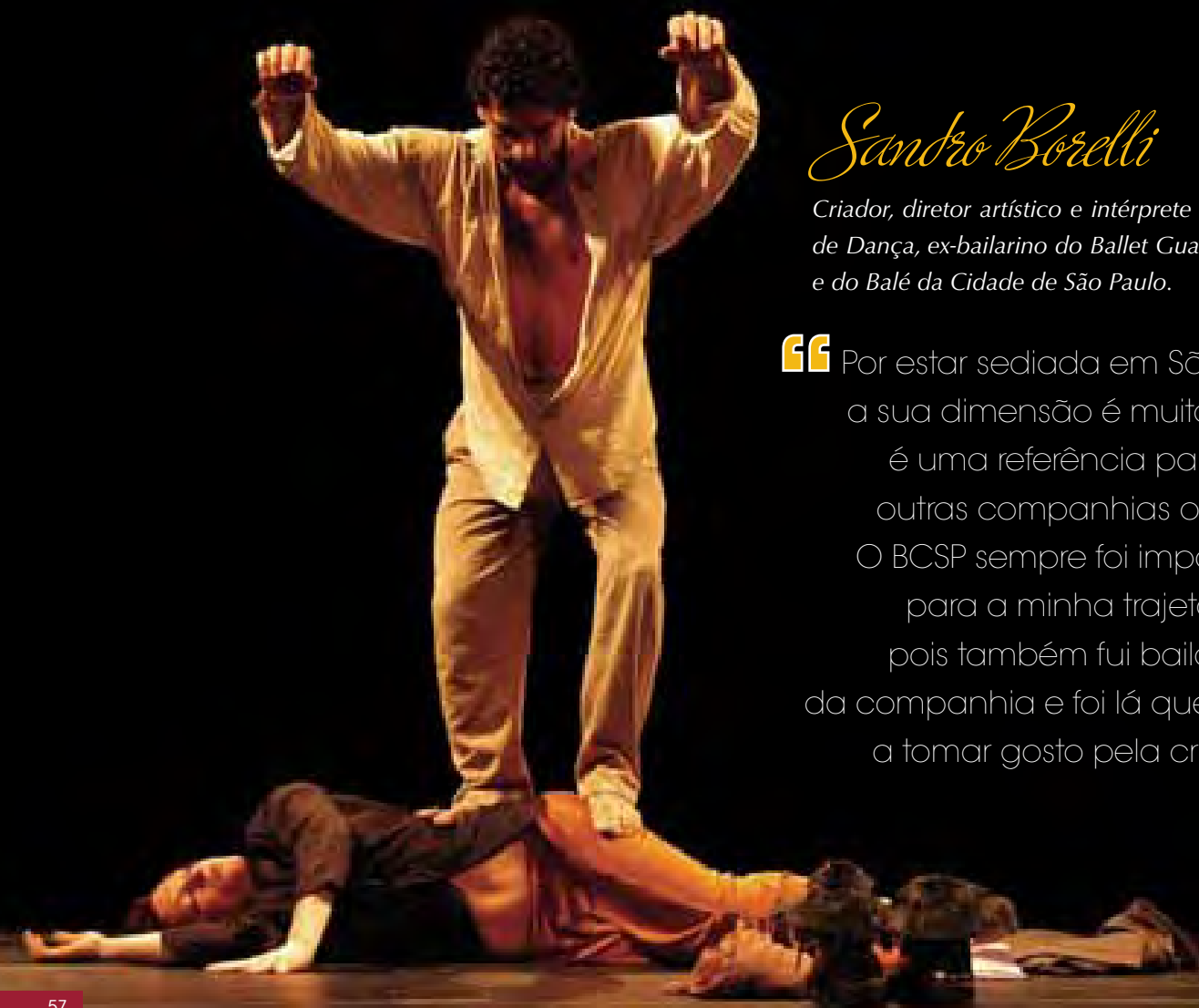
Professora do Instituto de Artes da Unicamp e consultora do Teatro de Dança (Secretaria de Estado da Cultura) e da Associação Paulista de Amigos da Arte.

“ A companhia pública da cidade de São Paulo além da função básica de produzir e difundir dança, desempenhou funções diversas na dança do Brasil, sua existência e ações reverberando para fora de seus limites. Dela saíram bailarinos que se transformaram em coreógrafos, em diretores de grupos, em inventores de outras companhias ”

Andreia Hayashida

Diretora da Escola Paulista de Dança/Associação Crescendo com a Dança

“ No Brasil, temos poucas companhias com a competência técnica do elenco e o reconhecimento mundial do Balé da Cidade de São Paulo. Por este motivo, ela serve como grande incentivo para os estudantes da dança que visam à profissionalização. Como diretora de uma escola de dança tenho a total segurança de indicar um espetáculo do Balé da Cidade de São Paulo como instrumento de estudo para meus alunos ”



Sandro Borelli

Criador, diretor artístico e intérprete da Cia. Borelli de Dança, ex-bailarino do Ballet Guairá de Curitiba e do Balé da Cidade de São Paulo.

“ Por estar sediada em São Paulo a sua dimensão é muito maior, é uma referência para as outras companhias oficiais. O BCSP sempre foi importante para a minha trajetória pois também fui bailarino da companhia e foi lá que comecei a tomar gosto pela criação ”

Grandes nomes

Oscar Niemeyer, Cristiano Mascaro e David Libeskind são homenageados em publicações impecáveis. Confira também “Arquitetura Moderna desde 1900” e “Nova York Delirante”, duas obras que analisam a influência das transformações da sociedade sobre a arquitetura.

DAVID LIBESKIND – ENSAIO SOBRE AS RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

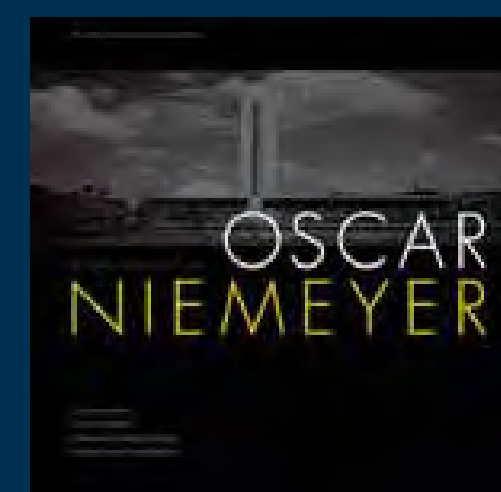
Luciana Tombi Brasil

Romano Guerra Editora/Edusp

Radicado em São Paulo desde 1953, o arquiteto paranaense David Libeskind foi responsável, aos 26 anos, por um dos mais importantes ícones da capital paulista: o Conjunto Nacional. Entre as experiências no exterior, uma em especial provocou grande interesse no jovem arquiteto: as Cases Study

House, residências unifamiliares construídas por arquitetos modernos na Califórnia.

Algumas características dessas habitações como o uso dos planos verticais e horizontais, a busca do espaço fluído, a diluição dos limites entre espaço interior e exterior e o uso das aberturas generosas, inspiraram Libeskind em seus projetos de habitações unifamiliares.



ARQUITETURA MODERNA DESDE 1900

William J. R. Curtis

Bookman Companhia Editora

Abordando os diversos fenômenos sociais e avanços tecnológicos que remontam à Revolução Industrial e que contribuíram para o surgimento da arquitetura do século XX, o livro amplia a concepção da arquitetura moderna, mostrando que sua gênese não foi idéia exclusiva de um gênio europeu, e sim a resultante dos avanços de vários artistas e países com tradições e cunhos ideológicos distintos. A obra não se limita ao trabalho dos arquitetos nem se restringe a questões formais e estéticas. Ela inclui a influência de outros artistas e das questões sociais, filosóficas e tecnológicas.

CRISTIANO MASCARO: DESFEITO E REFEITO

Editora BEI

O novo volume da Coleção Educação do Olhar aborda a obra do fotógrafo Cristiano Mascaro sob seu próprio olhar e traz uma reflexão dele sobre seu ofício. A partir de entrevistas concedidas pelo fotógrafo, o livro acompanha sua formação, carreira e processo de criação. Mascaro discute também as transformações impostas à fotografia contemporânea pelo rápido avanço das novas tecnologias.

Assim como os outros títulos da Coleção Educação do Olhar, “Desfeito e refeito” tem formato diferenciado, propondo uma nova forma de leitura, que obedece à visão do próprio retratado em relação à sua obra e influências.

NOVA YORK DELIRANTE: UM MANIFESTO RETROATIVO PARA MANHATTAN

Rem Koolhaas

Cosac Naify

Escrito pelo holandês Rem Koolhaas, um dos mais instigantes arquitetos e teóricos da atualidade, ganhador do Prêmio Pritzker em 2000, o livro ilustra as relações entre um universo metropolitano mutante e a singular arquitetura que este pode produzir. Manhattan é o cenário onde se descortina o último ato da civilização ocidental. Com a explosão demográfica e a invasão de novas tecnologias a cidade se converteu, desde meados do século XIX, no laboratório de uma nova cultura, a da congestão.

A DOCE REVOLUÇÃO DE OSCAR NIEMEYER

19 Design e Editora

Com primoroso design e apurada realização técnica, “A doce revolução de Oscar Niemeyer” se diferencia de todas as publicações já realizadas sobre o arquiteto, apresentando entrevistas exclusivas de Niemeyer, a cargo de Regina Zappa, e ensaio inédito de Lauro Cavalcanti e Fâres el-Dahdah. O livro conta com iconografia histórica, croquis, além de um inspirado ensaio fotográfico realizado por Cesar Barreto, abrangendo as obras mais importantes realizadas pelo arquiteto no Brasil. A publicação ainda vem acompanhada de uma ficha descritiva, contendo dados históricos e técnicos.



Caminhando e descobrindo a cidade

DEZ ROTEIROS HISTÓRICOS A PÉ EM SÃO PAULO

Organização: Roney Cytrynowicz

Editora: Narrativa Um, 238 páginas

Em meio a tantas discussões que tentam encontrar soluções para um dos maiores problemas da cidade – o trânsito – o paulistano muitas vezes se coloca na posição de vítima, esquecendo que também pode contribuir para a diminuição dos engarrafamentos. Ações de conscientização como o Dia Mundial Sem Carro, no qual diversas atividades foram programadas para incentivar o paulistano a adotar alternativas aos meios de transporte motorizados, parecem surtir pequeno efeito, mas já é um começo.

O livro-guia “Dez roteiros a pé em São Paulo” lançado pela editora Narrativa Um é uma ótima opção para quem quer conhecer a cidade de perto sem passar horas parado no trânsito. Os roteiros foram elaborados por profissionais de diversas formações, como arquitetos, urbanistas, escritores, historiadores e antropólogos. Em comum, parecem ter a mesma paixão pelos trechos da cidade sobre o qual escrevem.

Os passeios podem ser óbvios ou inusitados, mas todos desvendam detalhes que os olhos ocupados dos que aqui vivem com tanta pressa não notam no dia-a-dia. Agradável para um trajeto a pé ou para apenas deliciar-se sentado no sofá, imaginando como são esses caminhos tão belamente descritos, o guia cativa também pelo cuidado artístico de suas fotos e ilustração dos mapas.

Um tema que a princípio não parece dos mais agradáveis inicia o guia: um roteiro pelos territórios da morte em São Paulo. A história vai da primeira igreja utilizada para sepultamento de cristãos em São Paulo ao primeiro cemitério, o da Consolação, construído em 1858. Bairros tradicionais

como Mooca, Bom Retiro, Ipiranga e Liberdade também são desvendados. “Conhecer São Paulo é sempre um exercício de imaginação. Quem não absorver a velocidade crescente com que os paulistanos passam por cima de algumas coisas e constroem outras, vai perder o que eles têm de melhor”, avisa o escritor Fernando Bonassi no início de seu capítulo sobre a Mooca, bairro em que nasceu. “Na cidade mais importante, a Mooca é o melhor bairro do mundo por uma série de razões que só se darão aos olhos daqueles que tiverem a coragem de chegar bem perto”. Ao terminar a leitura das 20 páginas de seu roteiro pelo bairro ítalo-paulistano entendemos o por quê de tanto amor: a vontade que dá é a de conhecer de perto as vilas operárias, as pizzarias, a igreja de São Rafael em seu estilo gótico/bauhaus, a antiga Cervejaria Bavária (hoje Antarctica).

O Centro também ganha destaque em três capítulos: “Centro Histórico”, “A Avenida São João” e em “Os Segredos das passagens, percurso pelas novas galerias do Centro Novo”. Assim como outros locais, um pouco mais afastados. “Entre Lagos e rios: roteiro pelo Rio Pinheiros e Guarapiranga”, traz um ótimo passeio para quem procura tranquilidade. Como sugere a autora, Mônica Mussati Cytrynowicz, “é um passeio indicado para finais de semana e feriados, quando os trens estão vazios e você pode levar sua bicicleta no trem”. Já o roteiro pelo Jardim América é uma verdadeira aula de arquitetura residencial sobre o primeiro bairro-jardim da cidade. A pé ou sobre duas rodas, não importa, escolha o seu roteiro, deixe o carro de lado por algumas horas e divirta-se, afinal opções não faltam.



Gostaria inicialmente de parabenizá-los pela nova formatação da revista, ficou muito mais bonita e atraente. Gostaria também de ter informações sobre a coluna “Idéias”... ela ainda existe?

Pergunto porque meu projeto de conclusão de curso envolve o Parque Dom Pedro II com a implantação de um complexo de turismo e lazer como estruturador na requalificação daquela área. Gostaria muito que fosse publicado já que, nas edições anteriores, vi vários projetos publicados como idéias para a região central da cidade de São Paulo. Qual o caminho a seguir para viabilizar este processo?

Renato Andrade, arquiteto da Assessoria de Planejamento – Prefeitura da Cidade de São Paulo

RESPOSTA: Obrigado por sua mensagem. A nova formatação da revista prevê edições onde um só tema é explorado. Assim, projetos como o citado poderão fazer parte da edição quando o trabalho for pertinente ao tema tratado naquela edição.

Quero agradecer a resenha sobre meu livro e cumprimentar pelo elevado interesse da revista.

Benedito Lima de Toledo

Parabéns pelo excelente trabalho que vocês têm apresentado na Revista URBS.

Solange Valentim, assessora de imprensa Febraban (Federação Brasileira de Bancos)

Cartas

Recebemos e agradecemos a última edição da Revista Urbs. **Rosana Gadioli Bruno**, bibliotecária, Universidade Braz Cubas

É com satisfação que acusamos o recebimento da revista URBS, Ano XII, nº 45, com informativo desta tradicional entidade, informando-nos muito sobre nossa querida São Paulo. Agradecendo pela gentileza da remessa, colhemos o ensejo para subscrever-nos com elevado apreço e consideração.

Milton Mattani, Presidente da Confederação Brasileira de Futebol Sete Society

ERRATA



Informamos que a foto (ao lado) publicada na página 37 na última edição da Revista Urbs é da autoria de Maíra Preto.

ESCLARECIMENTO

Esclarecemos que os trechos retirados do texto “Tópicos de História Social do Português de São Paulo”, publicados na matéria “A formação do paulistanês” (Revista Urbs 45, página 31) e originalmente no site da Universidade de São Paulo (<http://sistemas1.usp.br:8080/fenixweb/fexDisciplina?sgldis=FLC6024>) são da autoria da professora Marilza de Oliveira.



Viva o Centro
São Paulo

A história do Centro é feita de grandes nomes. E o seu futuro também.

ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

Entidade sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública Federal por decreto em 9/3/2000 e auditada pela PricewaterhouseCoopers – Auditores independentes

ASSOCIADOS

Administração e Representação Telles • Agromont Administração de Bens e Participações • Agropecuária Juruá • Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI • Associação Brasileira de Designers de Interiores • Associação Brasileira de Empresas de Serviços Especiais de Engenharia • Associação Brasileira de Gastronomia, Hospitalidade e Turismo - ABRESI • Associação Brasileira de Pedestres – ABRASPE • Associação Brasileira dos Fotógrafos de Publicidade – ABRAFOTO • Associação Comercial de São Paulo – ACSP • Associação Cristã de Moços de São Paulo – ACM/CENTRO • Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Associação de Comerciantes, Empresários e Liberais do Centro de São Paulo – ACELCESP • Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Associação dos Bancos no Estado de São Paulo – ASSOBESP • Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB • Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo • Associação dos Lojistas da Florência de Abreu – ALFA • Associação dos Oficiais de Justiça do Estado de São Paulo • Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias – ANCOR • Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – ACREFI • Associação Vida Positiva – Prevenção e Cidadania • Banco ABN AMRO Real • Banco Itaú • Banco Nossa Caixa • Banco Safra • Banco Santander Banespa • Bar Brahma • Biblioteca Mário de Andrade • Bolsa de Mercadorias & Futuros - BM&F • Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA • Bronzeri & Marinho – Desenvolvimento Econômico • Câmara Interbancária de Pagamentos – CIP • Cartório Medeiros • Casa da Bóia • Casas Bahia • Celso Figueiredo Filho • Central de Outdoor • Centro Acadêmico “XI de Agosto” • Centro de Estudos das Sociedades de Advogados - CESA • Centro Universitário Belas Artes • Cia Brasileira de Alumínio – CBA • Cia Central de Importação e Exportação – CONCENTRAL • Cia do Metropolitano de São Paulo – METRÔ • Cia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM • Círculo Italiano – San Paolo • Colégio de São Bento de São Paulo • Condomínio Edifício Mercantil Finasa • Congregação Israelita de São Paulo/Templo Beth-El • Construtora Miguel Curi • Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo • Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo – EMLPASA • Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo – EMTU • Escola

Estadual de São Paulo • Escritório Fralino Sica • Estapar Estacionamentos • Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo • Federação Brasileira das Associações de Bancos – FEBRABAN • Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP • Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de São Paulo • Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO • Federação Interestadual das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – FENACREFI • Fundação Escola de Comércio “Álvares Penteado” • Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP • Granadeiro Guimarães Advogados • Grupo Lund de Editoras Associadas • Igreja do Beato Anchieta • Inspeção Salesiana de São Paulo • Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB/SP • Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo • Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa • International Police Association • Ituana Agropecuária • José Antonio Mangini Jr. • José Eduardo Loureiro • José Rodolpho Perazzolo • Just Traduções • Klabin • Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo • Logos Engenharia • Luigi Bertolli • Machado, Meyer, Sendacz e Ópice – Advogados • Mosteiro de São Bento de São Paulo • Museu da Cidade de São Paulo • Museu Pe. Anchieta • Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP • Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia • Paróquia Nossa Senhora da Consolação • Pellegrino e Associados Engenharia • Pinheiro Neto – Advogados • Pioneer Corretora de Câmbio • Polícia Civil do Estado de São Paulo – DEATUR • Polícia Militar do Estado de São Paulo – 7º BPM-M • PricewaterhouseCoopers Auditores Independentes • Rotary Club de São Paulo – República • São Paulo Convention & Visitors Bureau • Savoy Imobiliária e Construtora • Secretaria de Estado da Educação • Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania • Secretaria de Estado dos Transportes Metropolitanos • Serasa • Serviço Social do Comércio – SESC CARMO • Sindicato das Sociedades de Advogados dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro • Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo • Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo • Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sindicato dos Bancários e Financeiros de SP, Osasco e Região • Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP • Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva – SINAENCO • Sociedade Amigos de Vila Buarque, Santa Cecília, Higienópolis e Pacaembu • Sonia Marques Dobler – Advogados • Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades de São Paulo – SUTACO • Teatro Municipal de São Paulo • Terraço Itália Restaurante • Tozzini Freire Advogados • Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo • Trides Cia. Imobiliária Administradora • Universidade Anhembi Morumbi.

CONSELHO DIRETOR 2007/2009

Presidente

Henrique de Campos Meirelles

Vice-Presidentes

Milton Luiz de Melo Santos
Banco Nossa Caixa S.A.
Ricardo Terenzi Neuenschwander
Banco Itaú S.A.
Roberto Mateus Ordine
Associação Comercial de São Paulo – ACSP

Secretário

Luís Eduardo Ramos Lisboa
Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI

Tesoureiro

José David Martins Jr.
Bolsa de Mercadorias & Futuros – BM&F

Controlador

Elzo Aparecido Barroso
Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA

Conselheiros sem designação específica (em ordem alfabética)

Abram Abe Szajman – Federação do comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO • Agostinho Turbian – Federação Nacional das Associações dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – FENADVB • Alberto Gosson Jorge Jr. – Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Alencar Burti – Associação Comercial de São Paulo – ACSP • Alencar Costa – Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – FHORESP • Antonio Jacinto Matias – Banco Itaú S.A. • Arnaldo Antonio Martino – Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/SP • Arnaldo Borgia – Serasa • Carlos Alberto Contieri, S.J. – Museu Padre Anchieta • Celso Cintra Mori – Pinheiro Neto Advogados • Celso Figueiredo Filho – Grupo Figueiredo • Clemência Beatriz Wolthers • Clodomiro Vergueiro Porto Filho – Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP • Danilo Santos de Miranda – Serviço Social do Comércio – SESC • Domingos Fernando Refinetti – Machado, Meyer, Sendacz e Ópice Advogados – MMSO • Érico Sodré Quirino

Ferreira – Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento • ACREFI • Gabriel Mário Rodrigues – Universidade Anhembi Morumbi • Guilherme Afif Domingos • João Baptista de Oliveira – Associação Paulista de Imprensa – API e Sociedade Amigos da Cidade • João Grandino Rodas – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo • José Geraldo Barreto Fonseca – Tribunal de Justiça de São Paulo • Manoel Félix Cintra Neto – Bolsa de Mercadorias e Futuros – BM&F • Manoel Francisco Pires da Costa – Fundação Bienal de São Paulo • Márcio Kayatt – Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Matthias Tolentino Braga, Dom – Mosteiro de São Bento de São Paulo • Maurício Granadeiro Guimarães – Granadeiro Guimarães Advogados • Miguel Alberto Ignatios – Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB • Miguel Sampol Pou – Klabin • Nelly Martins Ferreira Candeias – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – IHGSP • Nelson de Abreu Pinto – Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – SINHORES • Ney Castro Alves – Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Orlando de Souza – São Paulo Convention & Visitors Bureau – SPCVB • Paulo Antonio Gomes Cardim – Centro Universitário Belas Artes • Paulo Ney Fraga de Sales • Raymundo Magliano Filho – Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA • Ricardo Patah – Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sônia Maria Gianinni Marques Dobler – Sônia Marques Dobler – Advogados • Waldemiro Antonio dos Santos – Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO

CONSELHO FISCAL

José Heleno Mariano – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo
José Joaquim Boarin – Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo – Sindifícios
José Maria Giaretta Camargo – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo

ADMINISTRAÇÃO

Superintendente Geral: Marco Antonio Ramos de Almeida
Consultor: Jorge da Cunha Lima
Assessor Executivo: Antonio José Ayres Guidetti Zagatto

COORDENADORES DE ÁREA

Administrativa e Financeira – Cristina Café Fernandes
Apoio às Ações Locais – Teresinha Santana
Apoio Técnico – Tatiane S. Santa Rosa
Editoração e Imprensa – Ana Maria Ciccacio
Informática – Wagner F. Macedo



Conheça mais e saiba como participar acessando o site: www.vivaocentro.org.br

Principais Patrocinadores



CBA – Companhia Brasileira de Alumínio. Há mais de 50 anos, crescendo 9,6% ao ano.



Investimento de R\$ 5 bilhões nos últimos 5 anos.

Inauguração de mais uma etapa de expansão.

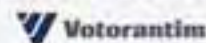
Vista aérea da Fábrica, em Alumínio (SP)

Mais do que alumínio, o que a CBA produz é crescimento. Por meio da auto-suficiência e da sustentabilidade, a CBA alcançou a posição de maior empresa integrada de alumínio do mundo, realizando desde o processamento da bauxita até a fabricação de produtos finais. Conquistas como essa são uma motivação para a CBA continuar crescendo com responsabilidade socioambiental e respeito aos colaboradores e às comunidades.

- ▶ A maior Fábrica de alumínio do Brasil: produção de 475 mil toneladas de alumínio em 2007.
- ▶ 18 Usinas Hidrelétricas: 60% de auto-suficiência em energia.
- ▶ 3 Unidades de Mineração: auto-suficiência em bauxita.
- ▶ Responsabilidade socioambiental: investimento em educação, saúde, atividades culturais e preservação ambiental.



Companhia Brasileira de Alumínio



CBA. O ALUMÍNIO DO BRASIL.
www.aluminiocba.com.br